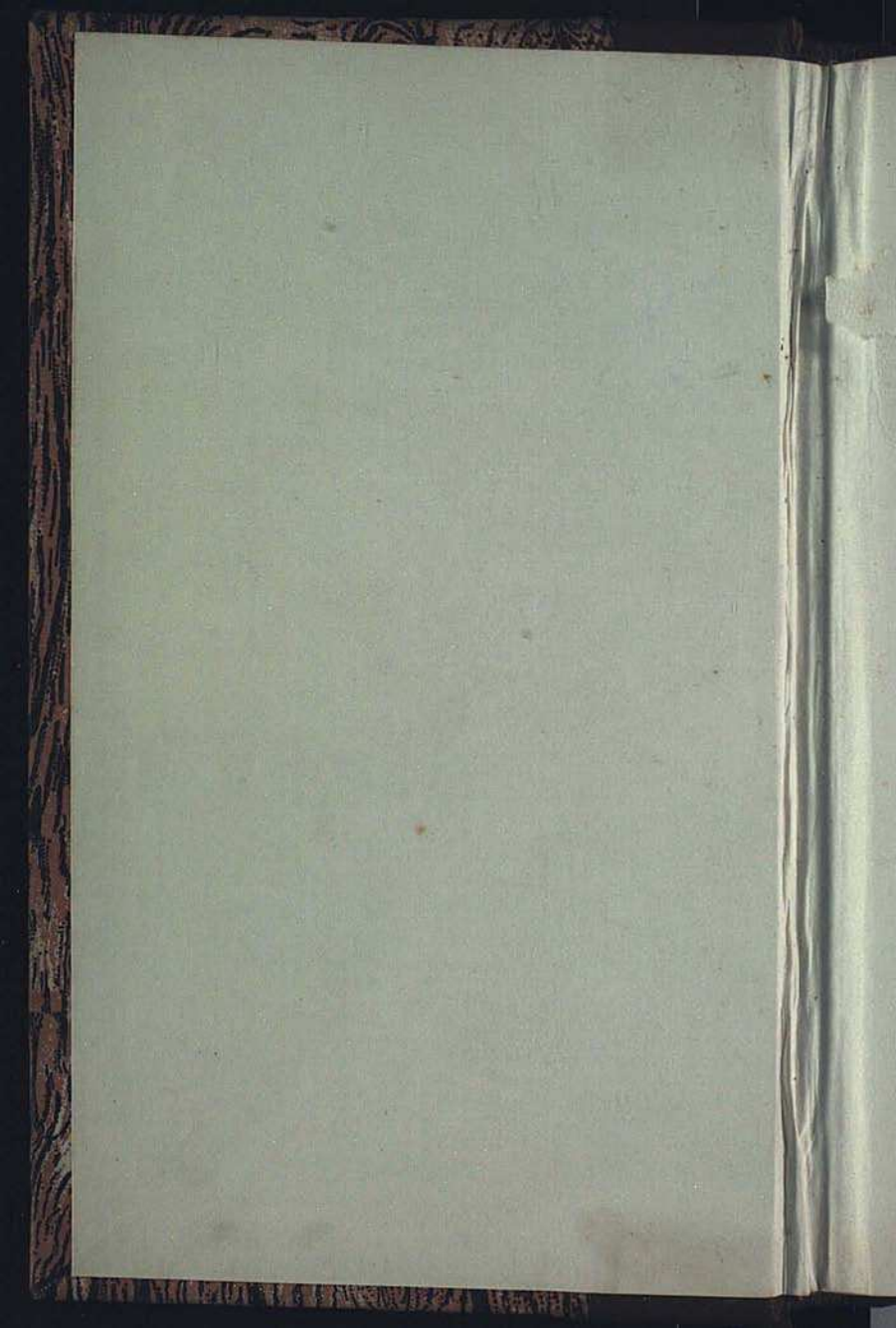
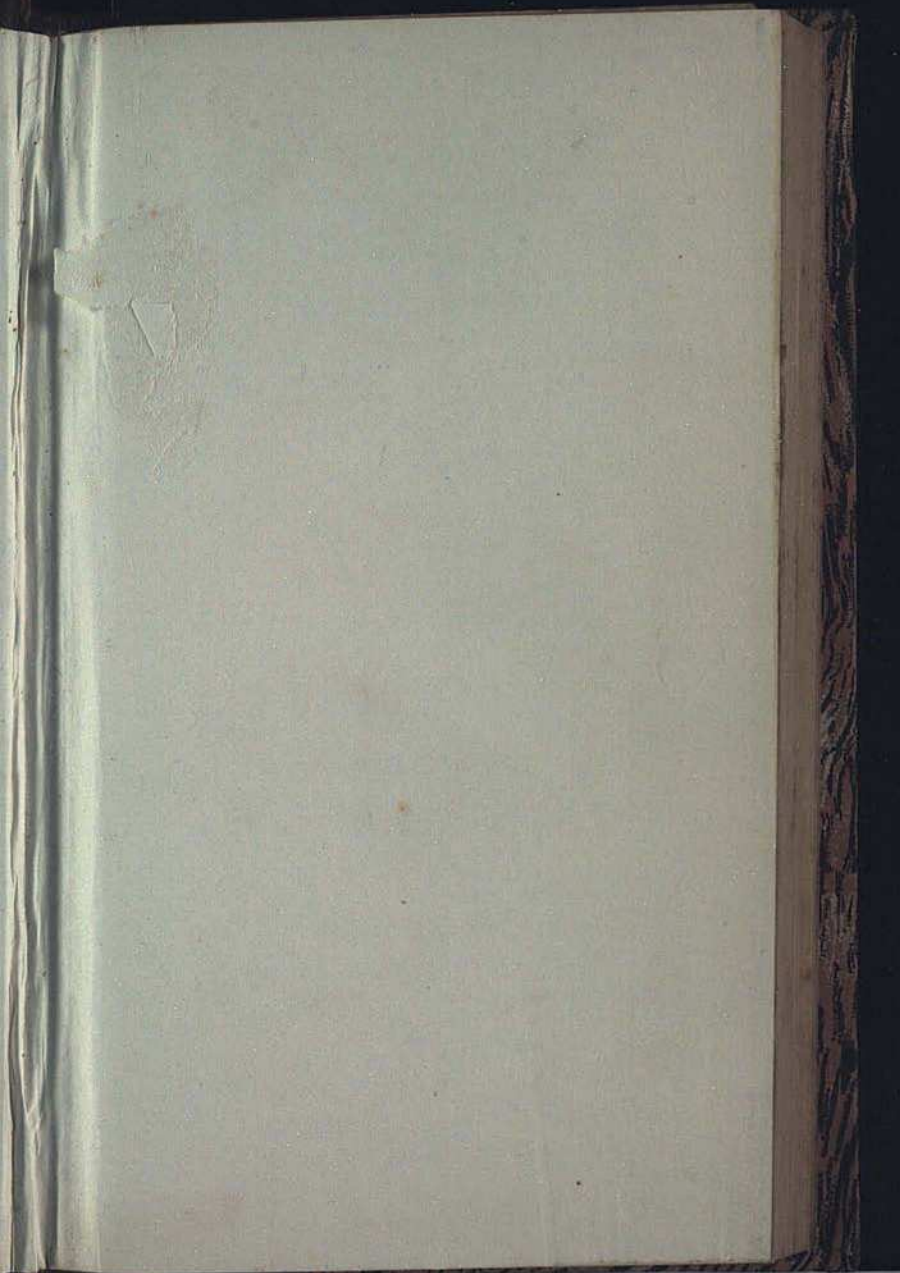
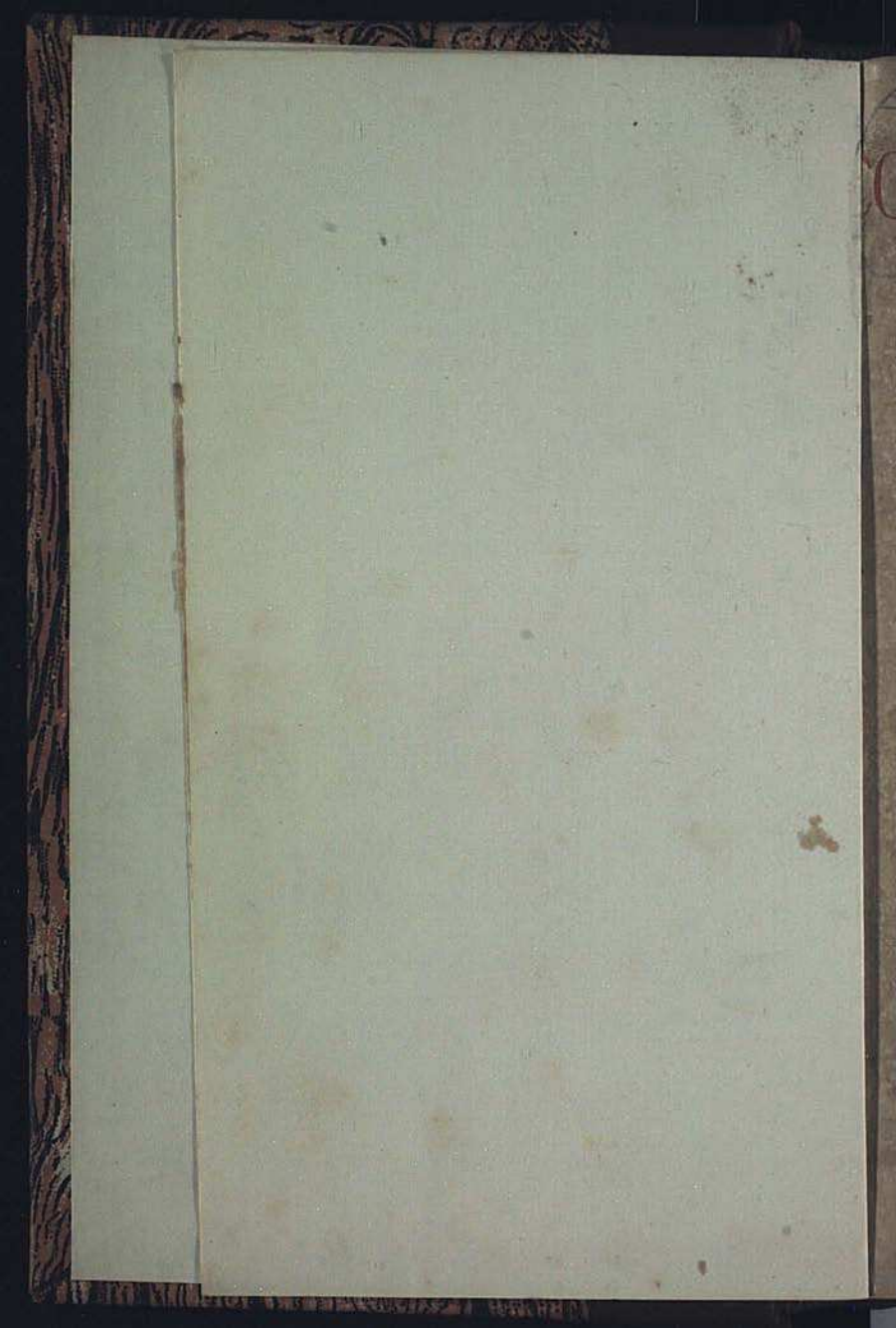




149







1887  
57  
CONTEMPORANEAS

POESIAS

DE

AUGUSTO DE LIMA

PREFACIO POR THEOPHILO DIAS



HL 1110  
RIO DE JANEIRO

Typ. de G. Leuzinger & Filhos, Ouvidor 31.

1887

HL  
869.9149  
L732c

A MEUS PAIS

E

A MEUS IRMÃOS

*Helio J. S.*

A  
hente  
que, p  
os dia  
ginari  
lento:  
elocug  
A  
comp  
E  
siasmo  
A  
das in  
ctacul  
flecten  
O que  
cobrir  
a bell  
tuidad  
energ  
passan



## PREFACIO

---

A leitura d'este interessante, curioso e attra-hente volume de versos denuncia um grande poeta que, prodigamente dotado pela natureza, educa todos os dias, com tenacidade, as bellas qualidades originarias, que lhe enriquecem e singularisam o talento: imaginação poderosa, sensibilidade delicada, elocução espontanea, individual e propria.

Augusto de Lima entende a arte, como eu a comprehendo.

E' talvez este o segredo do irresistivel enthusiasmo que lhe consagro.

A meu ver, a arte é a expressão immutavel das impressões multiplas e successivas que o espectáculo da natureza ou o drama da existencia reflectem no espirito que os contempla e interpreta. O que caracteriza o artista é a faculdade de descobrir e aprimorar symbolos que, revestindo, com a belleza da forma, o sello e a virtude da perpetuidade, conservam e communicam, sempre viva e energica, a emoção que se recebe das cousas que passam.

### VIII

A principal inspiração é a da forma. A mais fina essencia perde-se, despercebida e ignorada, quando a encerra um vaso grosseiro. Os mais suaves sentimentos repugnam, se contrastam com a expressão que os envolve.

A arte suprema consiste na correspondencia exacta, na equivalencia perfeita, entre a forma e o pensamento. Os artistas dignos deste nobre nome não têm, não conhecem outro *ideal*.

Entre as innumeraveis expressões, a que uma mesma idéa pôde amoldar-se, ha uma unica que lhe dá, na existencia exterior, a vida intensa e completa, que a faz palpitar na imaginação creadora.

Para encontrar essa expressão unica, insubstituivel, escondida mysteriosamente no vasto abysmo das expressões semelhantes, é que se requer o dom divino, o prestigio sobrenatural da inspiração.

Nem sempre se attinge esse ideal, quasi inaccessible ; mas para merecer a immortalidade, é imprescindivel procural-o sempre, e tel-o attingido algumas vezes, ao menos.

N'este livro nota-se a preocupação infatigavel, o esforço constante d'esta tendencia, frequentemente victoriosa, affirmando-se em fragmentos de uma perfeição inimitavel, em que não ha palavras superfluas, em que cada vocabulo contém uma intenção artistica complexa, já pelo valor intrinseco, já pelo

valor do logar que no verso occupa :—trechos irreprehensíveis, em que tudo concorre para o effeito esthetico, que o poeta quer produzir, e realmente produz.

Não cito. O leitor por si verificará o que digo.

Das censuras que devo fazer a este volume, mencionarei apenas uma : é um protesto contra o titulo. Ou melhor : não sou eu quem protesta, mas as paginas immorredouras que elle refolha entre muitissimas ephemerass.

*Contemporaneas*, este livro ! Augusto de Lima blasphemou.

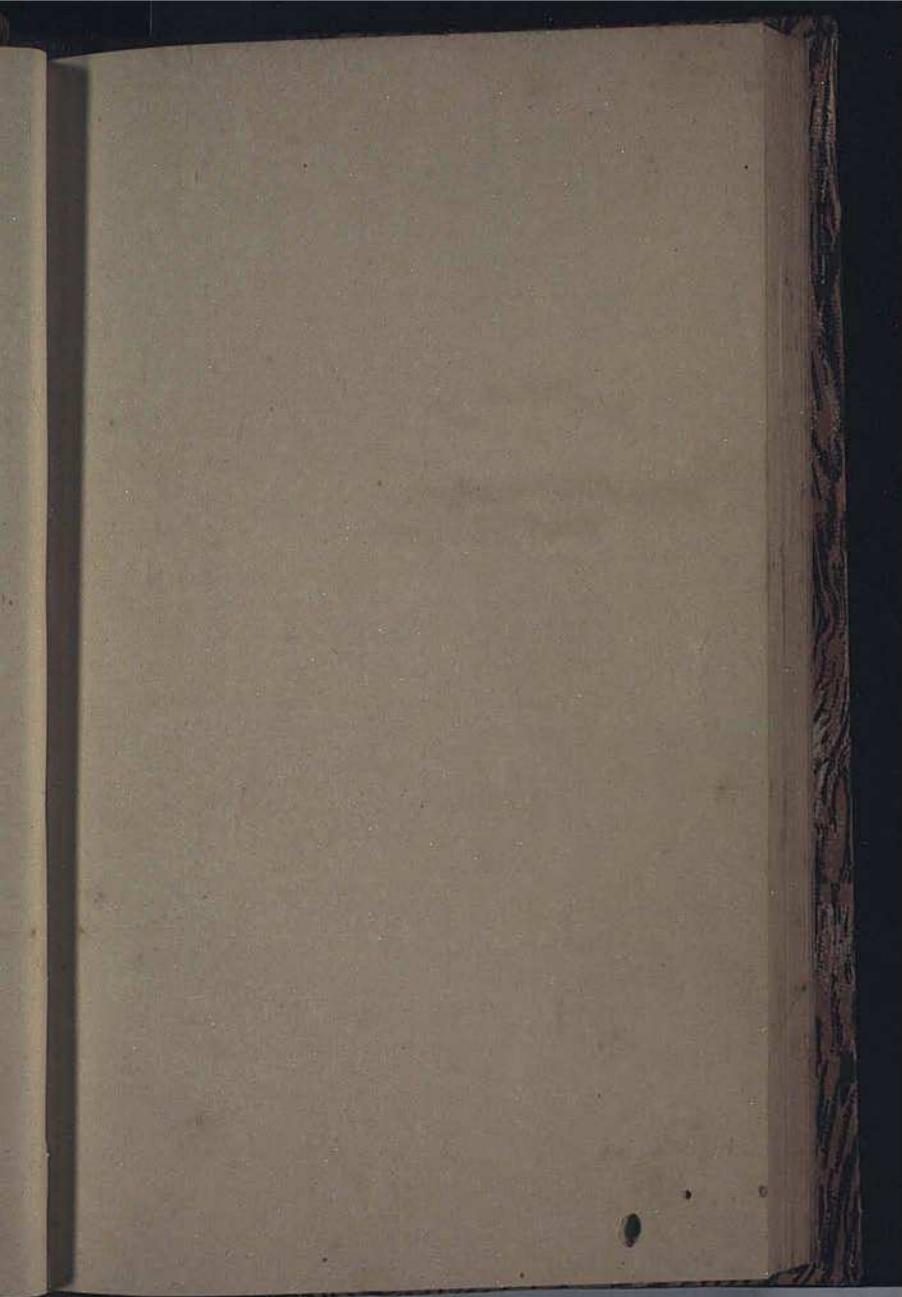
Si a obra não desmentisse o titulo, eu não accitaria a honrosa permissão, que o autor me deu, de escrever n'esta primeira folha o meu modesto e obscuro nome, repetindo, ao mesmo tempo que o assigno, a celebre quadra de Bocage, inspirada pelo presentimento dos applausos da posteridade :

A'quella enchente de glorias  
 Ou tu voarás commigo,  
 Ou hei de, engeitando o premio,  
 Morrer de todo comtigo.

THEOPHILO DIAS.

---







*Ille*  
*bu*  
*es*  
*da*  
*jo*  
*fl*  
*da*

*Um*  
*on*  
*ra*  
*da*  
*e*



## ILLUSÕES QUE EU AMEI...

*Illusões que eu amei ao despontar da vida,  
bonançosa esperança, esmeraldino mar,  
em que vogou meu berço á viração querida  
de suspiros de amor; ó aves de meu lar,  
jardins que alimentou a carícia materna;  
flôres que desfolhei, cantando e rindo á luz  
de aurora fulgurante e que eu julgava eterna!*

*Um momento deixai vossos nimbos azues,  
onde, há muito, dormis, e vinde, em revoadas,  
robustecer-me a crença, encher-me o coração,  
deslumbrar-me na luz de vossas alvoradas  
e povoar, enfim, a minha solidão.*

*Multiplique se em vós minha alma a cada passo,  
como a côr no crystal prismático do espaço,  
e haura em vossa memoria o intrepido vigor,  
para sempre me achar, valente luctador,  
da vida social na porfiada liça,  
ao lado do dever e ao lado da justiça.*

*Vós sois o meu passado e sois o meu porvir,  
ensinando-me o Bem e dando-me a sentir  
a eterna aspiração, que o homem nunca perde;  
porque é a propria Esperança o grande pendão verde,  
atrás do qual desfila o exercito vital  
das almas á conquista augusta do Ideal.*



## ATRAVEZ DOS SECULOS

O globo estava escuro, o firmamento baço.  
Arrebatado n'aza invisível dos ventos,  
eu ouvia gemer no indefinido espaço  
as mortas gerações dos seculos poentos.

Filhos de antigos sóes, filhos dos novos dias,  
monstros, idolos, reis, virgens de rostos pulchros,  
corpos vasio de alma, almas de amor vasio,  
erguiam-se a meus pés do fundo dos sepulchros.

Como ondas que as marés vão arrojando ás plagas,  
num denso remoinho electrico de gritos,  
eu via o turbilhão dessas humanas vagas  
bulhando no cairel dos tempos infinitos.

A guerra fratricida, a tyrannia, o roubo,  
a crapula, o veneno, as tramas hediondas...  
Messalina, a cadella, Heliogabalo, o lobo  
crusavam-se a rolar, arrastados nas ondas.

E o vento cada vez tornava-se mais forte,  
e o ruido crescia, e a treva era mais densa:  
nisto ouvi rebentar dos vagalhões da Morte  
um grito, que echoou pela abobada immensa.

E subito acalmou-se a agitação das massas,  
e o vento me depóz. Um estellino albor  
vinha lavando o céu das funebres fumaças:  
— era a constellação das lagrimas do Amor.

## A DESCIDA

HOMEM, remove este rochedo e a rara  
galeria interior contempla e estuda ;  
desce, e da terra pela ossada muda  
leva tua razão de sciencia avara.

Na treva esvae-se a luz ha pouco clara,  
o ar em sulphureo gaz já se transmuda :  
coragem ! desce, e os seculos saída,  
desce mais, desce mais... agora pára.

Mas não ! lá fulge um fogo subterraneo :  
— e mergulhas no cerebro do globo,  
— e lhe penetras de outro lado o craneo..

Desce ! não ! sobe agora ; um brilho intenso  
te invade o corpo, e num heroico arroubo  
eis-te boiando no oceano immenso.

---

## ENTRE AS ARVORES

(A FONTOURA XAVIER)

Aqui eu sinto a Vida em impetos sonoros  
devassando-me a luz de seus grandes arcanos,  
e esta seiva febril me infiltra pelos póros  
o sangue matinal de meus primeiros annos.

Fascina-me o verdor primaveril das plantas;  
não sei que magnetismo occulto as hervas têm,  
que eu julgo, ó Natureza, em tuas pomas santas  
beber tragos de luz e nectares do Bem.

Vendo o sangue do sol coado entre as ramagens,  
que insolita volupia incandescente eu sinto!  
e como fito attento as ruinas selvagens  
de uma pedreira antiga, ou de um volcão extincto!

Amo entranhar-me a sós nos flaccidos maciços  
das lianas, e ter a alegria pagã  
de no meio me achar dos satyros roliços,  
ouvindo tocar flauta o harmonioso Pan.

Num turbilhão sonoro, as aves de mil côres  
enchem a immensidão de límpidas risadas,  
emquanto Flora anceia em convulsões de flôres  
na nitida belleza azul das alvoradas.

Como um *cactus* ao sol, minha alma desabrocha,  
e os perfumes do canto entorno, a frouxo, no ar...  
Depois, escuto o vento, e fito a arida rocha  
e as aves sobre mim que passam a cantar.

O azul do espaço desce em gotas scintillantes  
às entranhas gentis das tremulas boninas,  
e, numa inundação de vagas de brilhantes,  
a luz serena banha as longinquas campinas.

Os rudes Leviathans dos mares de verdura  
curvam potentemente a robusta cerviz !  
Range o cedro:—é um hymno ; e as folhagens n'altura  
torvellinham soando em vibrações subtis.

Nos concavos sem fim das grutas solitarias,  
á dubia refração das humidas pyrites,  
corre serenamente, algida em fendas varias,  
a lympha que nasceu nas velhas stalactites.

A onça gemedora as palpebras vermelhas  
escancara e boceja ; espreita... e segue após,  
compassada no trilho: uma nuvem de abelhas  
acompanha-a, soltando a zumbidoura voz.

Contrastando a altivez do carrascal felpudo,  
em cachões a cascata espumejante tomba  
dos negros alcantis, — emquanto sobre tudo  
paíra a alegria eterna, assim como uma pomba.

Na natureza a alma harmonica das cousas,  
complexa, se derrama em fórmulas multicóres,  
ora na robustez das arvores frondosas,  
ora na muda voz colorida das flôres.

O canto de uma ave exprime o anseio extremo  
do coração de um Deus, no espaço a soluçar ;  
e espelha-se também a luz do amor supremo  
no phosphoreo clarão dos olhos do jaguar...

Em teu seio, ó Floresta, onde o Bello descança,  
ao rebentar da Vida a torrente sonora,  
ouço dentro de mim o canto da Esperança,  
como um clarim vibrante ao despontar da aurora!

---

« F  
e  
n  
n

Ve  
o  
a  
e



## O SCEPTICO

“ PERCORRO da sciencia o labyrintho,  
e em tudo encontro um echo duvidoso:  
materia vã, espirito enganoso,  
mentis, tudo é mentira, eu só não minto.

Vejo, é verdade, a vida e a vida sinto,  
o calorico, a luz, a dôr e o goso,  
a natureza em flôr, o sol formoso  
e o céu das côres da Alliança tinto.

Mas quem, senão eu mesmo, vê tudo isto?  
e quem pôde afirmar-me que eu existo,  
visões celestes, velhas nebulosas? »

E em seu craneo a razão desponta e morre,  
como o santelmo fatuo, que discorre  
na solidão das minas tenebrosas.

---

Ou

Do

## ELEVAÇÃO

(A AMÉRICO LOBO)

OUTRA essência, outra fôrma, azas tivera  
de um albatroz universal, gigante,  
e eu tentaria a viagem pela esfera,  
embarcação de pennas fluctuante.

Do globo perlustrar não vistas zonas,  
os tropicos de fogo e o pólo frio;  
de manhã beber agua no Amazonas  
e á noute adormecer no sacro rio.

Bem afastado do bulício humano,  
sentir envolto num luar de prata,  
o salso cheiro salutar do oceano  
e os effluvios balsamicos da matta.

E quando já de tédio e de cansaço  
gemesse a vida, então, me fosse dado  
ir procurar nas amplidões do espaço,  
junto do sol, meu tumulto dourado.

E abrindo as azas de fulgentes pennas,  
num vôo immenso que assombrasse os mares,  
desfazer-me na Luz, deixando apenas  
palhetas de ouro esparsas pelos ares.

---

## EVANGELHO E ALCORÃO

NUM tom de voz, que a piedade ungia,  
falava o padre ao crente do Alcorão,  
que no leito da morte se estorcia:  
« Implora de Jesus a compaixão.

Deixa Mafoma, ó filho da heresia,  
e abraça a sacrosanta religião  
do que morreu por nós... » e concluía:  
« Si te queres salvar, morre christão. »

Ao filho de Jesus o moribundo  
ergueu o olhar esbranquiçado e fundo  
onde da morte já descia o véo.

Mas logo se estorceu na ancia extrema,  
e ao ver da Redempção o triste emblema,  
ruge, expirando: « Allah nunca morreu! »

---

## COLERA DO MAR

(A ASSIS BRAZIL)

DISSE o rochedo ao mar, que placido dormia:  
« Quantos millenios ha que, tu, negro elephante,  
tragas covardemente esses, cuja ousadia  
arrisou-se em teu dôrso enorme e fluctuante? »

O mar não respondeu; mas um tufão horrendo  
cavou-lhe a entranha e fez estremecer de medo  
o coração do abysmo. Então o mar se erguendo,  
atirou um navio aos dentes do rochedo!

Ó

a  
q  
n

Sois

a  
r  
P



## OS FERREIROS

Ó vultos varonis, resplandecentes  
ao rutilar fecundo do trabalho,  
que á pobreza buscastes agasalho  
nas forjas inflammadas e candentes.

Sois os Messias, que ensinai ás gentes  
a despir do Passado o vil frangalho:  
rompe um sol, cada vez que tomba o malho,  
porque sois outros tantos orientes.

Fazei rolar a esplendida cascata  
do trabalho incessante pelas vasas  
das rochas da Materia, a progredir...

Que essas chispas ardentes, que desata  
vossa bigorna, orvalho são de brasas  
para a flôr luminosa do Porvir.

O g  
cor  
Sub  
e p  
bra  
que  
Da se  
o c  
e m  
á d  
e a

## O INQUISIDOR

( A LÉO DE AFFONSECA )

O grande Inquisidor escreve á luz de um cyrio :  
corre de seu tinteiro o sangue do martyrio.  
Subito, uma mulher acerca-se da mesa  
e prostra-se: "Senhor! um dia a natureza  
bradará por meu filho, a victima innocente,  
que amanhã vai ser posta á morte iniquamente!  
Da sentença riscai, com generoso traço,  
o confisco, o pregão, o anathema e o barão ;  
e mandai demolir a forca que abre a cova  
á decrepita mãe, á esposa ainda nova  
e a tres filhos, Senhor, entes que Christo adora !

A maldição não tisona, é certo, a luz da aurora,  
e nem pôde manchar a fronte encanecida,  
que a tarde da velhice é a aurora da outra vida.  
Como Xerxes punindo o mar com ferro em braza,  
em vão buscais cortar a inacessível aza  
do pensamento: — o ideal é um lucido oceano  
e uma invencível aguia o pensamento humano;  
mas, si preciso fôr, em nome delle abjuro  
a razão, a sciencia, os astros, o futuro. »

Fez-se solemne pausa ; e com accento triste  
fala o grande juiz : «Pois bem ! mulher, feriste  
a fibra paternal do Inquisidor austéro ;  
volta tranquilla ao lar, pois choraste, e não quero  
espalhem os clarins da vil maledicencia  
que a justiça de Deus mais pôde que a clemencia.  
Accolhi teu clamor humilde e o vão perdão,  
vai na paz de Jesus, por Elle te abençoó ;  
quanto a teu filho amado, illeso das mais penas,  
ha de ser, para exemplo, esartejado apenas. »

PUNG  
o es  
quize  
em p

No nin  
com  
dava  
a hec

## A VISÃO

(A ARGEMIRO GALVÃO)

PUNGIDO pelo dente acerbo das chimeras,  
o espirito subtil de um tragico poeta  
quíz ver a desfilár, como o antigo propheta,  
em prestito solemne, as porvindouras éras...

No nimbo que produz as verdes primaveras,  
como no Apocalypse, um fulgido cometa  
dava em ignea legenda a formidavel méta,  
a hecatombe final das rutilas espheras.

Do ponto do zenith, que julgou entreaberto,  
parecia bramir o velho Deus, coberto  
do manto secular, rôto como um espolio.

E já cuidava ver a vingadora espada  
do Archanjo, quando ouviu dar uma gargalhada  
o biblico Satan, armado de um *in folio*.

EN  
Ira  
tu  
nu  
e a  
da

E as  
im  
os  
ent  
as  
est

## UNDA ET IGNIS

ENTUMECEU o mar no bojo de granito.  
Irado prisioneiro, as vagas encrespadas,  
tumultuando atira ás rochas escarpadas,  
num bramido feroz, num portentoso grito:  
e as algas, e os coraes, e os monstros, e as sereias  
das correntes febris arrastam-se nas veias.

E as vagas vão subindo... e, liquidas montanhas,  
imergem no horisonte azul e transparente  
os horridos perfis, e vão ao continente,  
entre um choro infernal e musicas extranhas,  
as marés a ferver frementes, uma a uma,  
estourar, desfazer e reduzir a espuma.

Não perde inda a esperança o rigido oceano:  
um confuso ideal, um anceiar constante  
lhe rói a negra entranha. Homérico gigante,  
vem-lhe da luta a vida; em porte soberano,  
recomeça a peleja, e as legiões de vagas  
vêm-se quebrar de novo ás formidaveis plagas.

Como um sombrio heróe, a dormir socegado,  
sob a cota de malha inteiriça, invencivel,  
repousa o continente, immovel e impassivel  
aos gritos do rebelde e eterno sublevado;  
e aos roucos vendavaes das coleras hediondas,  
responde co'o silencio ás implacaveis ondas.

E não podendo, então, os ingremes rochedos  
de uma vez escalar, as insanas guerreiras  
internam-se na rocha e, insolitas mineiras,  
vão devassar da Terra os intimos segredos;  
abrasam-se em seu seio, e em rudes convulsões,  
arrojam-se, depois, das boccas dos volcões!



## VOGANDO

(A AFFONSO CELSO JUNIOR)

DESLISA rio abaixo incerta prôa:  
ninguem a bordo; preso a duro laço,  
chora um cahido remo ausente braço.  
Que porto busca a singular canôa?

Mas eis que além, com rapido fracasso,  
um rochedo invisivel a abalrôa,  
e momentos após, de espaço a espaço,  
fragmentos soltos vão boiando a tôa...

Mais infeliz do que o baixel sombrio,  
vou eu singrando da existencia o rio,  
tendo a bordo o cadaver do Passado.

E não achar, como elle, um arrecife  
que despedace as taboas deste esquife,  
na corrente sem fim arrebatado !

---

R  
e  
g  
d  
é  
a  
o  
  
Ma  
o  
e  
É l  
e  
d  
e

## A ILHA DE CORAL

( A OCTAVIO OTTONI )

ROLAM no mar do Tempo annos, seculos, éras;  
extinguem-se os volcões, rompem novas crateras,  
que extinguem-se a seu turno; elevam-se cidades  
das ruinas, o altar das velhas divindades  
é derrocado, e surge um novo culto; em summa,  
a vida universal vae num batel de espuma  
os seres levantando e os seres submergindo.

Mas no fundo do mar, num sonho eterno, infundo,  
o paciente polypo, o artifice fecundo,  
erige lentamente a construcção de um mundo.  
É lá na solidão da submarina rocha,  
entre o salso juncal, que o germen desabrocha  
da vida elementar sob a imperfeita fórma;  
e eis que aos poucos se estende e aos poucos se transforma.

A principio é um arbusto, após arvore grande,  
mais tarde uma floresta immensa que se expande,  
germina e reproduz outras tantas, e destas  
irrompem triumphaes camadas de florestas.

E dos turvos pégões, rasgando a humida clamylde,  
vem subindo, vermelha, a altissima pyramide...  
Mais um seculo, e então converte-se em montanha ;  
mais uma noute, e o sol o pincaro lhe banha.

E pela vez primeira ostenta a rica flora,  
e recebe o baptismo esplendido da aurora !

---

## A AGONIA DE CHRISTO

No instante em que Jesus soltou o extremo alento, refere a tradição que um grande cataclysmo convulsionára o mundo, universal lamento que a Materia arrancou do pavido organismo.

Os planetas, o mar, a rocha, o bosque, o vento, levados na attracção de estranho magnetismo, soluçavam de dôr um tristissimo accento.  
— Surgiu um osso humano, então, de cada abysmo!

Pranto de sangue, o sol abandonára os ares  
e em filetes cobriu a Victima dorida,  
como uma stalactite esplendida de luz.

E o Libano curvando as cópas seculares,  
o Golgotha saudou: — ó rocha denegrada,  
não és esteril mais, em ti florece a Cruz!

---

## AS LAGRIMAS DO REGATO

(A ALBERTO DE OLIVEIRA)

NA abobada sem sol da região dos fosseis,  
o regato calcareo, os seus meandros doces,  
desenha pelo vario e tortuoso gyro.

O feldspatho irisado, o severo porphyro  
e os blócos colossaes do esculptural basalto,  
banha, circumda e enflora, e vae de salto em salto,  
e vae de curva em curva, o barathro descendo,  
do arboreo crystal fluido os fios estendendo...

Um delles atravessa a gorja petrea e ossuda  
do elephante primévo, outro em lago se muda :  
este vae esmaltar os veios de pyrite,

aquele em gotas cae da dura stalactite,  
como o leite que flue de exuberante poma,  
este outro de um repucho a esparsa fórma toma.  
Mas todos vão descendo em impeto fremente,  
porque descer é sempre a sorte da corrente.

E o regato viajor no abysmo solitario,  
depois de completar na terra seu fadario,  
lembra-se com saudade, o misero e mesquinho !  
do tempo em que tocava a roda de um moinho ;  
em que ouvia de tarde as amorosas queixas,  
dos salgueiraeas banhando as luridas madeixas  
e do sol reflectindo o disco luminoso.  
Quem lhe déra voltar a esse viver ditoso ?  
E no silencio, então, das lagrimas supremas,  
vae-se crystallizando em perolas e gemmas...



## O POLVO

POLVO da eterna Dôr, debalde apertas  
em teus fortes tentaculos sedentos  
a humana essencia, contra a qual despertas  
em teu furor os varios elementos.

Por mais que o goso em rudes soffrimentos,  
por mais que em cardos os rosaes convertas,  
hão de ao Homem jorrar novos alentos  
da consciencia as thermas sempre abertas.

Assim ao mar, que canta, estúa e brama,  
ha seculos o sol, polvo de chamma,  
em cada raio suga-lhe uma gota.

Mas a seus pés, batidos, noute e dia,  
os continentes bradam á porfia :  
« Rios ao mar ! » e o mar nunca se esgota.

---

E  
s  
n  
a  
  
O'  
ó  
n  
n  
  
Ess  
q  
é  
o

## O AMOR

(A THEOPHILO DIAS)

Eu nunca desfolhei as verdes esperanças  
sobre o lago lethal do negro scepticismo,  
nem nunca derramei nos *albuns* de lembranças  
as lagrimas fataes do velho romantismo.

O' noutes ideaes dos tristes trovadores,  
ó noutes de luar dos tragicos Romeus,  
nunca me deslumbrei nos vossos esplendores,  
nunca vos descantei nos pobres versos meus.

Esse morbido lume, algente, côr de prata,  
que derramais á flux das límpidas alturas,  
é um veneno subtil e perfido, que mata  
o singélo candor das bellas almas puras.

Por isso, eu vos prefiro, á vós, a luz candente  
do intemerato sol possante e abrasador  
entornando no mundo a uberrima semente,  
que dá vida á Materia e aos homens dá valor.

Sim! gosto de o fitar, quando como uma bençam  
derrama-se na fronte augusta do Trabalho,  
emquanto na bigorna os metaes se condensam  
ao pesado ribombo esplendido do malho!

Quando o seio febril das massas que entumecem  
da industria universal os fétos portentosos,  
do commercio ao rumor sem fim se desvanecem  
na fecunda expansão dos risos jubilosos...

\*  
\* \*

E, pois, o amor que canto, a sacrosanta chamma,  
que veste o coração de inextinguiveis galas,  
não tem nem o final triste de um melodrama,  
nem o fino perfume exotico das salas.

Não é o amor ideal tecido de chimeras,  
o amor que se traduz nas doces cavatinas,  
e vive de cantar sómente as primaveras  
e de sugar o mel do calyx das boninas...

○ amor franzino e meigo, o amor da Decadencia,  
que anda nos camarins dos theatros de luneta,  
cheio de pó de arroz e a recender á essencia  
dos extractos subtis da fina violeta...

○ leão da moda, o *chic*, o amor das flôres bellas,  
que do piano aos sons nas salas esvoaça,  
e ora alegre, ora triste, encosta-se ás janellas,  
fito o travesso olhar na rua a ver quem passa.

\*  
\* \*

Eu canto o grande Amor, a eterna lei dinamica,  
que imprime movimento ás fibras da materia,  
e como o Mahomet, na velha lenda islamica,  
os seres arrebatá á immensidade etherea.

E que, feito attracção, percorre os universos,  
suspendendo no espaço os mundos planetarios,  
e na terra do olhar das mãis pendura os berços,  
espargindo no lar a luz de mil sacrarios.

Sim! eu canto esse amor, multiforme e complexo,  
espalhado pela alma universal dos mundos,  
que, num iris eterno e num eterno amplexo,  
liga o azul da amplidão aos baratros profundos.

Nas entranhas da terra, assim como na dorna  
borbulhando referve o vinho em borbotões,  
assim elle referve, entumece e se entorna  
feito lava, depois, dos antros dos volcões.

Sobre o leito sem fim da movediça areia  
elle faz soluçar o oceano, enternecido  
aos accordes subtis das lyricas sereias,  
— e inchado ás vibrações do tufão desabrido.

E quando pelo espaço a rapida scintilla  
electrica espedaça ás nuvens condensadas  
o monstruoso bôjo em vibrações vermelhas,  
expedindo trovões e raivas abrasadas ;

Elle desce subtil nas azas da tormenta,  
nos pingos de crystal das chuvas abundantes,  
a fecundar da terra a entranha poeirenta  
e a raiz secular das arvores gigantes.

Sacrosanto, profundo, immaculado, eterno.

Ora é como os heróes, robusto, estoico, enorme,  
ora meigo e singelo, é como o olhar materno,  
fitando o doce berço onde a criança dorme.

É o amor, que sorri, que expande-se, que lida  
de dia, e á noute vela e sollicito vem  
a correr fibra a fibra o organismo da Vida,  
deixando em cada uma o tonico do bem.

Que o trabalho amenisa e os homens avigora  
na grande robustez dos fortes corações,  
e faz-nos cada peito alegre como a aurora,  
cada aurora o cendal de aligeras canções.

O amor sereno e bom, o grande democrata  
que nivéla a cabana e o paço da realeza,  
liga num laço d'ouro os seios côr de prata  
e os seios côr de sangue: — o heroismo e a belleza

\*  
\* \*

Ahi tendes o Amor do seculo pujante,  
a portentosa lei que ha de reger o mundo,  
quando o sol, que hoje rompe apenas no levante,  
atingir do zenith o paramo fecundo.

É forçoso que após a morte desastrosa  
das divindades vãs, phantasticas de outr'ora,  
se eleve, como um astro, a crença luminosa  
de uma igreja maior, mais forte e duradoura.



Seja, pois, o universo a grandiosa Igreja,  
onde o novo ritual em pompas de Thabor  
celebre-se, e cada um o sacerdote seja,  
e cada peito o altar da religião do Amor.

---



## SONHO TRANSFORMISTA

(A GASPAR DA SILVA)

O gyro do Ser é vario  
do Tempo ao eterno escôpro.  
O goso de hoje é precario,  
e foge-nos como um sôpro.

Quem diz que a flôr no pedunculo  
não é uma alma a scismar,  
e que os brilhos do carbunculo  
não são chammas de um olhar?

A podridão é antithetica:  
crea os vermes e os perfumes,  
e na sua treva hermetica  
palpitam ridentes lumes.

É uma retorta o ossuario,  
em que fabricam-se as flôres,  
do humor frio de um sudario  
fazem-se as tintas das côres.

É monotona a existencia  
antes da Dissolução ;  
só depois a nossa essencia  
paíra livre na amplitão.

Ou pelo deserto livido  
vai correndo errante, errante...  
ou da flôr no calyx vivido  
se faz perfume fragrante.

Arranquem-me a ardente tunica  
da vida agitada e vã:  
vejam, minha ambição unica  
é de ser lyrio amanhã.

---

Eis  
cu  
U  
nã

Quar  
ab  
di

É o  
tris  
qu

## O ABYSMO

(A ALCIDES LIMA)

Es o monstro voraz aberto no granito,  
cujo rugido o vento asperrimo levanta;  
Ugolino do horror, do antigo cháos proscripto,  
não tem fórmãs, nem corpo:—é todo uma garganta.

Quando o dia desponta, e na esfera azulada  
abre-se a grande flôr do fulgido arrebol,  
dir-se-hia o velho abysmo um bocejo do nada  
para tragar o Sol!

É o grande monumento exotico das cousas,  
triste como a visão azul de uma montanha,  
que em vez de altear ao céo, a mais vasta das lousas,  
pela terra se entranha...

Caliban nelle dorme o somno prehistorico  
 sob o branco montão dos estriados ossos ;  
 e do mundo primevo o centauro allegorico  
 entalha-lhe na pedra os tabidos destroços.

Os evos longamente em seu bojo resoam...  
 os mysterios do Ser ferem-lhe as fibras roucas,  
 e os concavos reboam  
 o chôro universal, como um milhão de boccas.

E quem o ousa fitar, como Plinio perece,  
 ou ao pé do cairel sente um tremor extremo  
 pela espinha dorsal, bem como se temesse  
 ver arder-lhe no fundo o olhar de Polyphemo...

Elle canta, é seu canto o chôro das tormentas,  
 tem soluços de amor, soluça como Phedra,  
 e o Tempo lhe derrama, em agonias lentas,  
 a dura stalactite, a lagrima de pedra.

E a vasta cathedral, em cuja nave ingente  
 psalmea o velho Deus das legendas sombrias,  
 e rumoreja a tréva ao accorde plangente  
 do organ das ventanias.

Elle, o filho do cháos, sabe tambem ás vezes  
descreer e ser atheu, bramir como os trovões  
e arrojjar para o céo da terra as rubras fezes:  
— sabe fundir metaes e fabricar volcões !

\* \* \*

E contudo, elle tem mil attracções suaves  
e musicas sagradas.  
Elle fascina as aves,  
e as aves vão cahir-lhe ao seio inanimadas.

Em seu labio feroz não raro brota o lyrio,  
e a viçosa liana o corôa de flôres ;  
e á noute, a lua vem num nervoso delirio  
nas veias lhe entornar magneticos humores.

Durante o temporal o ether condensado  
arranca á nebulosa um fragmento de luz,  
e o bolido inflammado,  
como um raio fecundo, á face lhe conduz.

\* \* \*

Elle que tem em si a grande força magica,  
elle tambem á Arte inspirações suggere...  
Quem nos diz que a amplidão não foi a Musa tragica  
« de Dante Alighieri?! »

Creta teve um abysmo, o labyrintho historico,  
onde o Passado geme inda um soluço immenso;  
e o craneo, que ideou o bello templo Dorico,  
foi talvez um volcão a vomitar incenso.

Um portentoso, escuro artista de outras éras,  
um genio, cujo nome a Historia não attinge,  
apalpou de um abysmo as pulsações austeras,  
e levantou na rocha esse outro abysmo — a Sphinge.

\*  
\* \*

É que elle tem as leis do movimento ethereo,  
dynamica immortal que os seres multiplica,  
e faz brotar a Vida até no cemiterio,  
— que a lei do movimento a lei da Vida implica.



Quem pôde comprehender-lhe a extensão tenebrosa,  
ao immenso Protheu, rival do firmamento?

Quem lhe sabe o mysterio e a tragedia assombrosa?

Quem é que o pôde encher?

Talvez o Pensamento.

---

O

s  
e  
d

"Q

e  
n  
c

O'

e  
tu  
lc

## OS DOUS CHRISTOS

(A ASSIS BRAZIL)

O velho Satanaz soturno divagava  
sob o immenso docel de negro firmamento,  
e aos poucos um rumor confuso lhe chegava  
destas vozes fataes trazidas pelo vento :

« Quando scismavas triste e só no Horto,  
entre as sagradas arvores sombrias,  
na tréva hostile de um céu turvado e morto,  
collada a fronte ardente ás pedras frias ;

O' Christo, até de ti mesmo descreste,  
e pensando na cruz, da angustia escrava,  
tua cabeça fulgida, celeste,  
longas gotas de sangue porejava...

Não sei que voz occulta e mysteriosa  
 da tréva te bradava com furor :  
 « O' Nazareno, ó victima ardilosa,  
 tu não és Deus, tu és um impostor ! »

Uma agonia lenta então tomou-te,  
 jorrava o rubro sangue cada arteria,  
 emquanto teus *amigos* sob a noute  
 resonavam na inercia da materia.

\*  
 \* \*  
 \*

E porque consumaste o sacrificio,  
 do calyx mystico esgotando o fel  
 inutilmente no fatal supplicio,  
 ó moribundo filho de Israel ?

E o que ficou do *codex* peregrino,  
 do Testamento que legaste ao Homem ?  
 Folhas como as do livro do Destino,  
 que aos ventos do futuro se consomem.

A grande cruz, a ensanguentada vide  
do vinho precioso, hoje se fez  
do clero torpe um sordido cabide,  
em que pendura a propria hediondez.

Embora o Homem busca atraz da escura  
batina a luz que no calvario exangue  
accendeste: na febre que o tortura,  
em vez de achar a luz, encontra o sangue.

E quando no passado, o olhar attento,  
busca fitar-te sobre a cruz sagrada,  
entre elle e ti se eleva o atroz, sangrento  
phantasma secular de Torquemada.

Onde o poder divino que dizias  
ter nas mãos, quando em balsamos supremos  
os teus rudes apostolos ungias?  
— Oh! descremos de ti, Christo, descremos!

Caiste, como cae qualquer na lucta;  
propheta, o verbo teu não mais echôa,  
martyr, a tua tunica impolluta,  
a ventania do porvir rasgou-a!

A limpidez azul da antiga crença,  
em que brilhava o mystico Thabor,  
toldou-a agora uma caligem densa:  
a fumaça da Industria e do Vapor.

Rompeu-se o véo do Templo, onde mysterios  
celebravam os rigidos levitas,  
amalgamando ao pó dos cemiterios  
as lagrimas das dôres infinitas.

De teu tragico inferno a densa lava  
a rebramir no abysmo horrido, espesso,  
ó mallogrado heróe, já não bastava  
p'ra aquecer as caldeiras do Progresso.

Tua missão está completa. Agora  
pódes volver á solidão infinda;  
mas vai depressa, porque vem a aurora,  
e te póde encontrar aqui ainda.

. . . . .

\*  
\* \* \*

E tu, Homem, eterno caminheiro  
da via dolorosa da Verdade,  
é tempo de elevares sobranceiro  
a grande luz de tua magestade.

Não te vença o punhal que dilacera  
esse peito, em que a Dôr blasphema e chora:  
é no bôjo da Noute que se opéra  
a luminosa gestação da aurora!

Não envergues a fronte augusta e casta  
ao soffrimento rude, á mágua funda:  
a dôr, que hoje te corta a entranha vasta,  
é como a dôr do parto, é dôr fecunda.

Abysma o olhar em tua consciencia,  
e encontrarás as perolas do Bem;  
trabalha, colhe a esplendida opulencia,  
que as minas de teu cerebro contém.

Da antiga divindade o grande assento  
ruiu de ha muito ás lucidas procellas.  
Não procures mais deus no firmamento:  
— o firmamento só contém estrellas! »

E Satanaz caiu num meditar profundo ;  
e cruzando no peito as mãos, cheio de dôr  
prostrou-se, e ouviu-se, então, o tentador do mundo  
num soluço gemer : — Perdôa-me, Senhor !

---

TRE  
rug  
as  
a c

A bil  
con  
do  
e s



## O VOLCÃO E O SOL

(A RAYMUNDO CORRÊA)

## I

TREME a montanha e se abre em impetos indomitos:  
ruge-lhe o ventre, e um philtro ardente de atro enxofre  
as veias lhe percorre... até que em rubros vomitos  
a descarga de fogo arrebenta de chofre.

A bilis borrascosa estruge-lhe na entranha,  
como um fêto maldicto. Os calcinados ossos  
do velho pachyderme estremecem na extranha  
e sinistra mudez dos quaternarios fossos.

E parecendo ouvir a voz lenta, vibrada  
da lendaria trombeta, o ichthyosauro na gruta  
subterranea escancara a invalida queixada,  
e nas patas firmado, attentamente escuta...

Do turbido cairel, betuminoso e horrendo,  
que a larga fauce abrindo, arfa estentoreamente,  
o colosso de fogo aos céos alto se erguendo,  
descreve na amplidão mil roscas de serpente.

E dobrando, solemne, o dórso audacioso,  
cinge os flancos do espaço em tantalico ardor.  
Entretanto, no céu sereno e grandioso  
rola o sol triumphante a luz do eterno Amor.

## II

Assim tu, coração, em quanto em paroxismos  
despedaças a flôr de nossos sentimentos,  
e a atiras desfolhada aos perfidos abysmos,  
aos impetos dos ventos;

Não importa! refulge, esplendido e espontaneo,  
enchendo-nos de luz caudal veia por veia,  
no pino da razão, no ardente céu do craneo,  
o eterno sol da Idéa!

---



## FLOR CARNIVORA

( A LUCINDO FILHO )

H<sub>A</sub> uma flôr de lindo aspecto  
e colorido brilhante,  
cujo perfume fragrante  
attrahe ao calix o insecto.

As azas fechando e abrindo,  
este o mel nectareo bebe,  
no entanto a flôr o recebe  
as petalas contrahindo.

Contrahe-as e se abotôa,  
e tanto os nervos constringe,  
que a corolla o suor tinge  
da seiva que alimentou-a.

E na rescendente cella  
o aventureiro encerrado,  
depois de a flôr ter sugado,  
eil-o sugado por ella.

Tal a sorte da alma louca,  
que attrahida pelo goso,  
o doce philtro amoroso  
vae beber em tua bocca.

Pois, és a imagem exacta  
da bella flôr assassina,  
que mellifica e fascina,  
perfuma, seduz e mata.

---

O r  
e é  
pav  
pel

Elle  
si  
que  
âqu

## AMIGO

O rochedo é deserto. Elle avança... recúa...  
e é preciso morrer, comtudo. O vento geme  
pavorosas canções nas arvores, a lua  
pela face do mar, triste, indecisa treme.

Elle vacilla: o abysmo é perfido, quem sabe  
si a morte não será peor que a propria vida,  
que a vida tormentosa e estúpida que cabe,  
áquelle, cujo peito é uma aberta ferida?

Porém, silêncio — um grito ao longe como um canto  
de saudade gemeu, um lamento de dó,  
e logo um cão chegava, em cujo olhar o pranto  
parecia pedir que o não deixasse só.

Anceiava soturno, o olhar na immensidade,  
o tronco erguido ao vento, o aspecto hirto, selvagem  
meditou: vida... morte... inferno... eternidade...  
—o corpo ergueu, volteou e... tombou na voragem.

Por um momento o cão esperou anhelante;  
presentindo, porém,  
que elle não vinha mais, num uivo lancinante  
atirou-se tambem.

---



## A UM CAÇADOR

OLHA essa plumagem linda,  
iris formoso e suave:  
não sentes remorso ainda?  
que mal te fez a pobre ave?

O projectil avicida  
quebrando-lhe as azas, deu  
um jorro dessa ferida  
de sangue da côr do teu...

Ha uma só lei da Existencia  
sob a esfera luminosa:  
partilham da mesma essencia  
homem, ave, estrella e rosa.

Ella cantando vivia,  
correndo, voando no ar.  
Será delicto — a harmonia,  
um attentado — voar?

Vivia tecendo ninhos  
para os filhotes, apenas;  
pobres menores mesquinhos,  
sem mãe e ainda sem pennas!

As normas da natureza,  
fiel, não quebrou jámais;  
nunca invadiu da pobreza  
os minguados cereaes.

Vê bem que fizeste, dando  
a morte a esse martyr ente.  
És réo de um crime nefando,  
verteste o sangue innocente.

Ai! prole da primavera,  
que será della amanhã?  
Pela mãe espera, espera...  
porém, esperança vã.

De tudo que canta e v<sup>o</sup>a  
e fulgura és odiado:  
a aurora não te perd<sup>o</sup>a,  
condemna-te o sol dourado.

---

O esp  
muita  
e nos  
e faz

Então,  
surdo

Cada  
estala

## FEBRE ESPIRITUAL

(A PEREIRA DA COSTA)

O espirito infernal, que nosso craneo habita,  
muitas vezes no ardor de uma insomnia maldicta  
tem risos de Voltaire,  
e nos dá a entrever visões que a febre trazem,  
e faz de nós no leito o que as crianças fazem  
de um titere qualquer.

Então, como o estridor de arrastadas correntes,  
surdo rumor se escuta, em convulsões dementes  
ruge a Duvida atroz.  
Cada nervo febril vibra como uma corda,  
estala cada arteria e o coração, que acorda,  
dá gritos dentro em nós.

Brada o espirito assim nos circulos da idea:  
 « Carne, eu quero saber tudo que nos rodea,  
 tudo que o mundo tem.  
 Quero da omnisciencia á vasta claridade,  
 caminhando feliz na via da Verdade,  
 ir abraçar o Bem. »

Porém no craneo vão nenhuma voz responde.  
 « Donde vieste assim, argila rude, donde  
 houveste a vida, o ser?  
 Ensina-me do mundo o alto mysterio mudo,  
 tudo que a criação contém, me ensina tudo,  
 que eu gosto de aprender...

A vida no organismo, o sangue a arder na arteria,  
 o rugido na féra, a força na materia,  
 o amor no coração...  
 a luz que, sendo fogo, espalha-se nas vagas,  
 que entranha-se no seio estúpido das fragas  
 e brilha na amplidão...

Os risos do loureiro, os prantos do cypreste,  
 da noute o lucto atroz, da aurora o azul celeste,  
 a purpura do sol...

Que differença ha entre um corpo esbelto e lindo  
e um corpo morto e vil do lupanar sahindo  
envolto num lençol?

De que materia prima os tecidos organicos  
se formaram um dia, e de que sons titanicos  
os canticos do Mar?

Que proporção se dá ao velho cahos profundo,  
o diametro do espaço e do infusorio o mundo,  
mundos a germinar?

Si é falsa a Evolução e si ha uma Providencia,  
si aquillo que nos prende aos fios da existencia  
é uma força, ou um Deus...

Si os concavos azues das plagas luminosas  
são camadas sem fim de eternas nebulosas,  
ou simplesmente céos... »

Porém no craneo vão nenhuma voz responde.

« Donde vieste assim, argila rude, donde  
houveste a vida, o ser?

Ensina-me do mundo o alto mysterio mudo,  
tudo que a criação contém, me ensina tudo,  
que eu gosto de aprender. »

Solta uma gargalhada e morbido entorpece  
nos tegumentos vis da Carne que adormece  
no cahos fitando o olhar...  
Precipita-te nelle, Espirito ; não rias,  
nem chores, entretanto, ás tristes ironias,  
ás luctas do pensar.

Perca-te o desespero e no aniquilamento  
desfaz-te, mas não vás soltar um vão lamento  
diante d'uma cruz...  
como a aguia, que no azul buscando o sol fecundo,  
rotas as azas, cáe num baratro profundo,  
— ou morre, ou bebe a Luz !

Busca  
do  
ao  
vã

A univ  
nas  
e c  
que



## ICARO

Busco embalde, librado em minhas azas,  
do espaço o fim num desvario louco:  
ao calor de não sei que olhar em brasas,  
vão ellas derretendo pouco a pouco.

A universal orchestra das esferas  
nas orgias da luz retumba em festas,  
e o ether inebria as primaveras,  
que vêm adormecer pelas florestas.

E' possível que *em cima* haja a secreta  
chave do enigma mystico e profundo,  
que nos cêrca, e que possa algum planeta  
informar-me o que somos neste mundo.

Mas não posso subir! O craneo ardente  
sempre no globo agrilhoadado e preso!  
— Orgulhosa razão, és impotente,  
minhas azas de cêra, eu vos desprezo!

---

OR  
de  
al  
le

Cada  
en  
to  
bu

## DESENLACE

(A JOÃO DE ARAUJO)

ORA, o triste idiota andava esfarrapado,  
descalço e sem chapéo pelas ruas e praças:  
além de todo o mal, effeito das desgraças,  
levava a estupidez no olhar esgazeado.

Cadaverico e roto, a sacola pendente,  
entre as vaias brutaes dos trefegos garotos,  
todo o dia esmolava, e á noute nos esgotos  
buscava em vão do somno o balsamo clemente.

Um dia o Suicidio e a Fome o visitaram,  
e pela mão tomando-o, a um ermo o transportaram,  
dizendo-lhe : « Isto é teu, nestas paragens mudas  
Jejua como Christo, ou morre como Judas. »

Um tropel, entretanto, ao longe pela estrada  
vinha se approximando, era uma cavallada.  
Turvou-lhe o aspecto e o olhar extranha agitação.

. . . . .  
O mendigo infeliz fizera-se ladrão !

PORC

c

e

F

A cul

N

o

M

## PROBLEMA

*(H. Heine)**(A PEDRO LESSA)*

PORQUE é que o justo roja ensanguentado,  
da cruz ao peso barbaro e cruel,  
emquanto o mau, feliz e potentado,  
pavoneia-se altivo em seu corcel?

A culpa da desordem a quem cabe?  
Não é Nosso Senhor omnipotente,  
ou elle é disso o causador, quem sabe?  
Mas seria covarde realmente!

Tal é o problema que nossa alma louca  
discute até que, enfim, chega alguém, que  
co'um punhado de pó nos fecha a bocca.  
— Mas isto é uma resposta que se dê?!

---

## O PARADOXO

QUEM pode jamais dizer-me  
com certeza donde vim,  
si sou simplesmente um verme,  
ou si Deus está em mim?

Mysterio! a vida eu a sinto  
como um fluido incandescente  
nas veias; porém não minto  
dizendo que a acho excellente...

Mata-me o tédio do mundo  
e nisto encontro prazer.  
Como Hamlet meditabundo,  
agito o « ser e não ser. »

Sou uma antithese viva,  
talvez um sonho do cháos,  
extracto que Jaweh ou Siva  
fez dos genios bons e máus.

Contrastes me não sorprendem:  
fascina-me o Bem; o Mal  
tem attracções que me prendem  
dentro de um fosso fatal.

A metaphysica nunca  
fez cousas tão encontradas:  
sou rico, e habito a espelunca,  
choro, dando gargalhadas.

Às vezes, até duvido  
se sou, e me palpo então,  
e no vivo peito ardido  
sinto da Morte a canção.



E' que ardem no paraiso  
infernos, engana o amor,  
o labio mente e o sorriso  
é uma parodia da dôr.

---



## O HOMEM E O MAR

(BAUDELAIRE)

HOMEM livre, has de ser sempre amigo do mar,  
o mar é teu espelho, ahí vês tua alma ao largo,  
dos grandes lamarões no infinito rolar:  
— nem teu espirito é menos profundo e amargo.

Apraz-te mergulhar em tua propria imagem,  
nella immerges o olhar, nadando, e o coração  
não raro se distrae da propria agitação  
ao rumor dessa queixa indomita e selvagem.

Quão discretos sois vós, quão tenebrosos sois!  
Homem, ninguém sondou teus fundos sorvedouros,  
mar, ninguém viu jámais teus intimos thesouros;  
tanto sabeis guardar vossos segredos, pois.

E do Tempo, no entanto, as rapidas torrentes  
vão passando, e sem dó, nem pena vos bateis;  
tanto presais a morte e os exicios crueis,  
implacaveis irmãos, eternos combatentes!

---

## VERTIGEM DA ARTE

(A RANDOLPHO FABRINO)

No frontispício de uma antiga igreja,  
talhado em duro mármore polido,  
abre as azas um anjo que branqueja  
entre as flores de pedra adormecido.

O olhar num sonho mystico abysmado,  
immovel fita a altura friamente:  
— genio extranho que aos céos arrebatado,  
em pedra se tornasse de repente!

Era manhã. No rosto alvo e divino,  
que o pó do Tempo envolve no seu manto,  
vi scintillar o orvalho matutino,  
deslisando na pedra como um pranto...

E julguei um instante que chorasse  
aquelle ente sem vida á luz da aurora,  
e que se contrahisse aquella face,  
sem me lembrar que o marmore não chora!

Extático ante os gothicos primores  
que um talento infeliz, genio sem palma,  
cinzelasse, talvez, sonhando amores,  
e escondendo na pedra o sangue da alma;

Tive a vertigem (louco desvario!)  
de perder-me no espaço indefinido,  
só para ver de lá o olhar sombrio  
do triste anjo de pedra adormecido...

---

## FAUST

(A VALENTIM MAGALHÃES)

O livido Alchimista, á morna claridade da sonhadora luz de uma lampada exotica, scismava como Christo, em torva anciedade, na camara senil de architectura gothica.

Entre os livros de Hermés, aberto um alfarrabio, ante o turvado olhar, voejando as maripousas, na attitude febril de um saltimbanco, o sabio prescrutava o segredo hermetico das Cousas...

De um lado o macrocosmo, onde dos mundos a alma se agita, e do outro sobre uns signaes cabalisticos, uma caveira ri-se ao luar que lhe espalma na fronte erguida a luz dos devaneios mysticos.

Sonha o sabio allemão com minotauros, grifos,  
e evoca do Chaldeu a mithica magia ;  
emquanto, em cima, paira entre mil hieroglifos  
o vulto de Satan na abobada sombria.

Na espelhenta parede humedecida, donde  
pendem drogas lethaes e resequidos ramos,  
divisam-se iniciaes de algum antigo conde  
e o rugoso perfil do austero Nostradamus.

Lá fóra, o ethereo azul se illumina, arqueado  
como um sonho a pairar por sobre as cathedraes,  
que no somno do Tempo escondem o sagrado  
deposito senil dos tumulos reaes.

Nos alamos perpassa a viração tranquilla,  
como a sombra fugaz de uma Walkiria pallida,  
e sobre o azul vapor dos pincaros scintilla  
a lua, a rebentar, esplendida crysalida.

Um bando de aldeões crestados pelo dia  
em banhos de luar esquecem as fadigas,  
expandindo em canções a rustica alegria,  
e esperando a sasão fecunda das espigas.

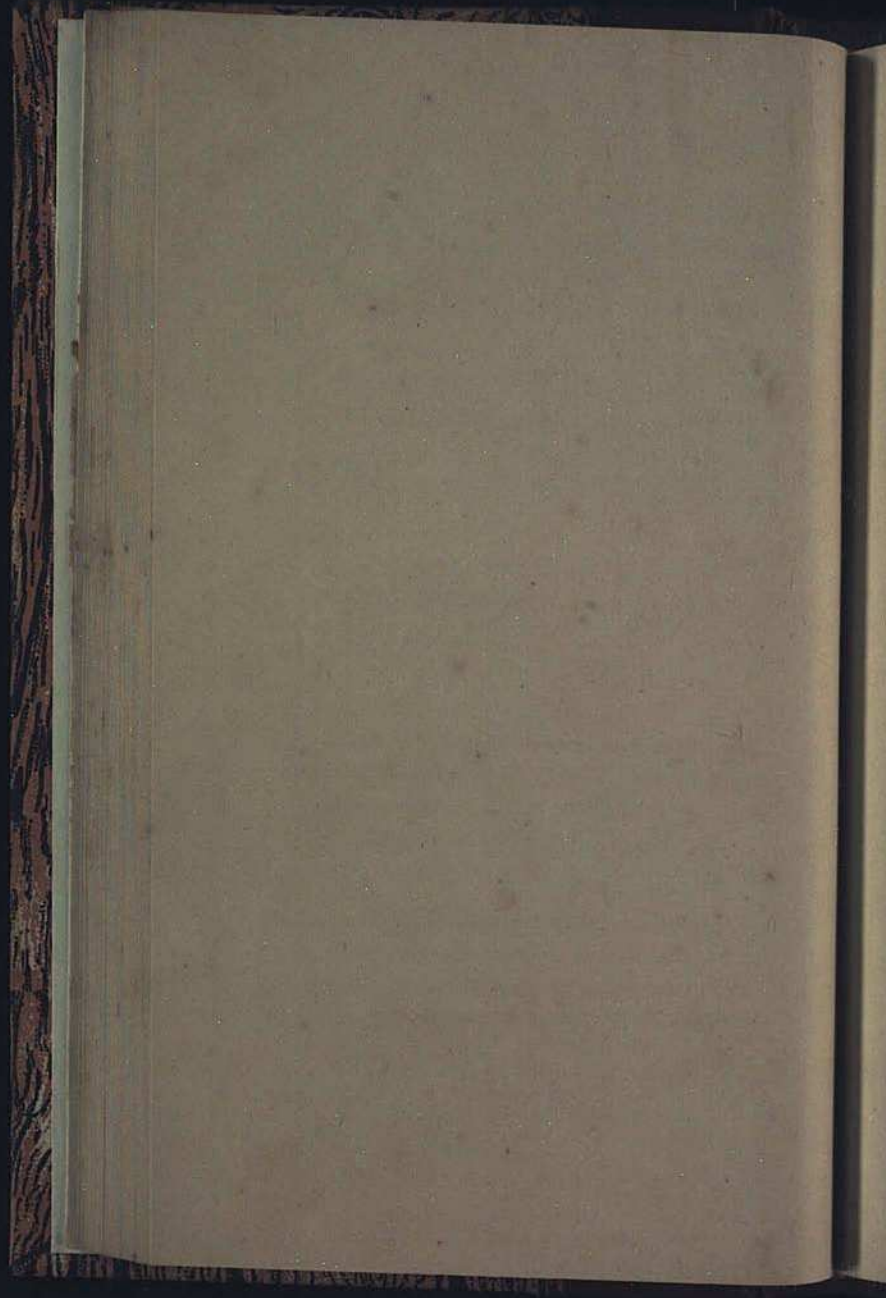


Mas não lhe importa, ao velho, ao sabio misanthropo  
que o mundo se divirta e que o trabalho cante,  
a elle, que só vive a ver pelo horoscopo  
o Nada universal, abrindo a guela hiante...

O' Fausto, sonhador Quixote da sciencia,  
quando buscavas ler no livro do Futuro,  
nos antros da Materia, o verbo da Existencia,  
mais absurdo que tu, mais sybellino e escuro ;

Talvez no seu jardim, mais bella das mulheres,  
entre os risos azues da Natureza nua,  
regasse a Margarida os brancos malmequeres,  
que depois desfolhou por ti, á luz da lua.

---



## A CONVENÇÃO

( A JULIO DE CASTILHOS )

QUANDO a rubra Revolta abria a garra adunca  
para empolgar do throno o velho vulto ingente,  
e os guerreiros febris, como leões da espelunca,  
rompiam-lhe do seio, uivando ferozmente ;

quando a Razão voando, esguedelhada e tetrica,  
agitava do povo as coleras bravias,  
e incisiva e veloz como a faisca electrica,  
fulminava os pendões das rotas monarchias ;

quando Danton armava o banquete da Morte  
nas praças de Pariz, perante toda a terra,  
dando prodigamente á sequiosa cohorte  
as libações de sangue e as saturnaes da guerra ;

tu rompestes o grilhão de bronze que prendia  
o immortal Prometheu, o coração humano,  
e a noute secular da negra tyrannia,  
dissipaste bebendo o sangue do tyranno.

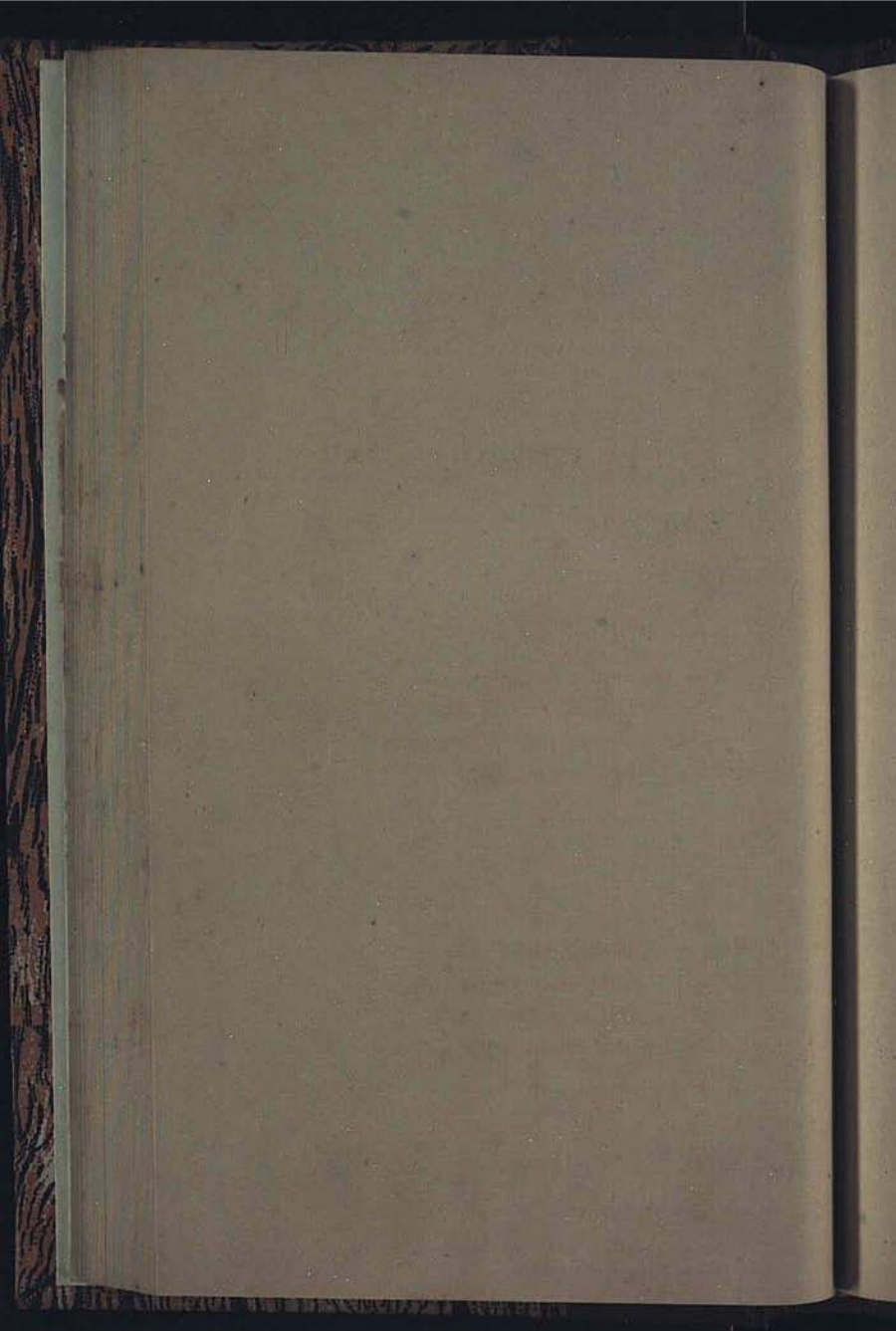
A teu grito sangrento escancarava a guêla  
a voraz guilhotina, em quanto com fragor  
semelhante ao bramir do mar que se encapella,  
vomitavas no mundo as vagas do Terror.

Caverna de leões ! em teu bojo profundo  
que da Historia na rocha o seculo rasgou,  
retumba inda o trovão ignivomo e fecundo  
do rabido Marat, maior que Mirabeau.

Não maldiga-te nunca o novo pensamento,  
o ardor com que luctaste, ó grande Convenção ;  
que em ti manifestou-se o humano soffrimento  
contra o jugo brutal da cynica oppressão.

Do sangue que voraz, pantherica, raivosa  
bebeste no delirio intenso da Verdade,  
fez-se uma nebulosa, e dessa nebulosa  
foi que surgiu brilhante o sol da Liberdade.

---



## A ANDORINHA

AH! que conte não me peças,  
choravas si eu te contasse...  
Não quero as marcas impressas  
da tristeza em tua face.

.....

Vês tu aquella andorinha,  
que vóa de um a outro lado?  
Ha muito tempo se aninha  
no beiral de meu telhado.

Na solidão em que vivo  
tem-me sido companheira :  
si estou alegre e expansivo,  
ella ri-se prazenteira ;

gyra, voltea incessante,  
chilreando dondamente,  
e vem pousar sobre a estante,  
encarando-me de frente.

Mas se o prazer me deixando  
choro, triste e desolada,  
começa então pipillando,  
como quem chora... coitada.

À minha existencia insana  
é um ente familiar,  
para ser uma alma humana,  
falta-lhe apenas fallar !

Ora, deu-se que o outro dia  
o telhado concertaram,  
e o ninho (que covardia !)  
em minha ausencia arrancaram.



Soube o que havia occorrido  
logo que em casa me achei.  
O passarinho sentido  
pensou que eu fui que mandei.

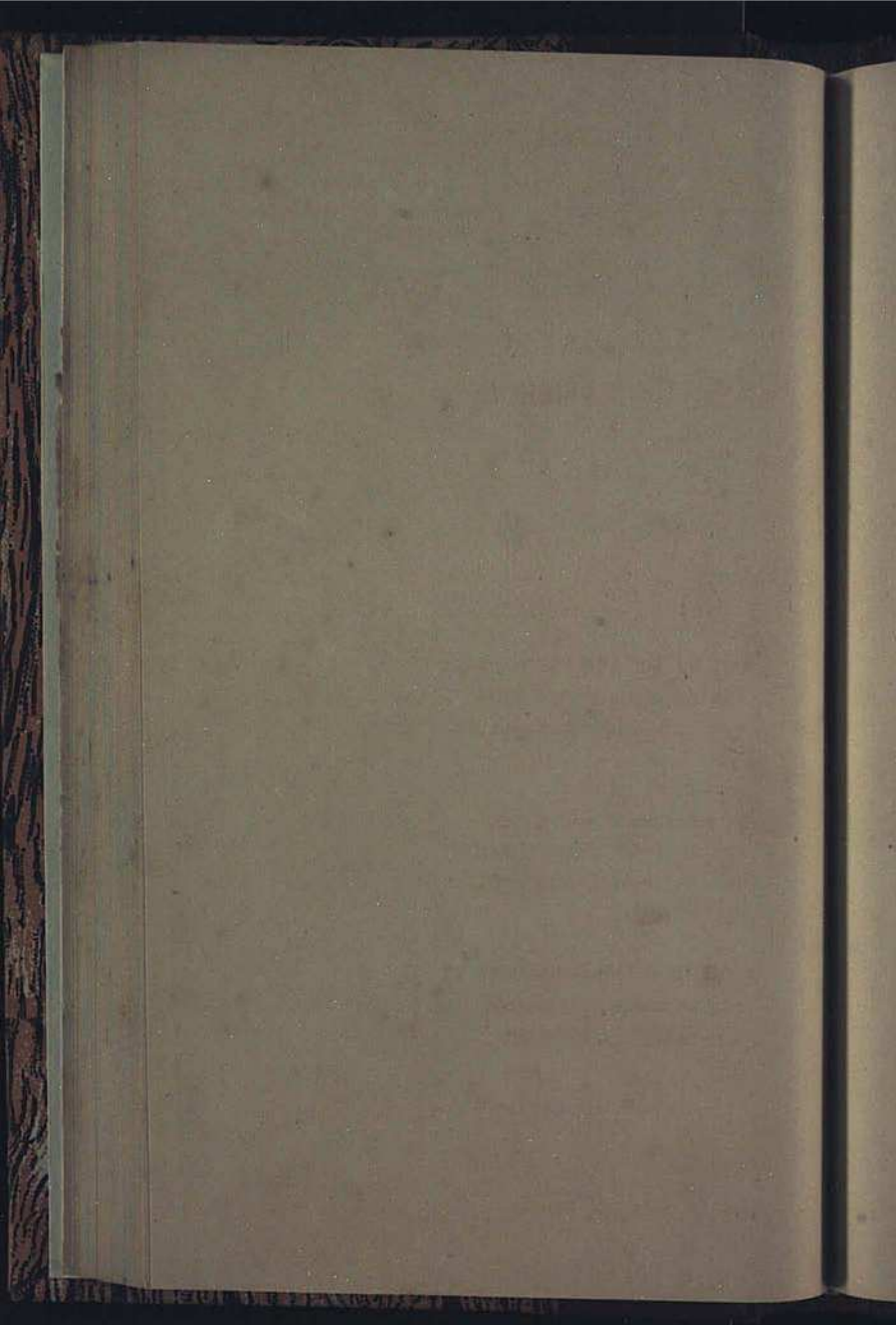
Mas quando mudo e sombrio  
sentar-me á mesa de estudo  
suspirando a ave me vio,  
compreendeu então tudo.

E olhou-me com tal tristeza,  
que eu tambem puz-me a chorar...  
tinha filhos com certeza:  
— só de mãe aquelle olhar!

.....

Mas deixemos a andorinha,  
enchuga o pranto da face:  
— não disse que tú, louquinha,  
choravas, si eu te contasse?

---



## TURBILHÕES

## I

Não sei que ventos, que vagas  
nos impellem com furor  
para tão longínquas plagas...

Não sei que occulto traidor  
de fibras de sangue quentes  
tece os pendões do Terror ;

que de delirios candentes  
vão as almas sem pharol,  
arrastadas nas torrentes.

Em vão interrogo o sol,  
a noite, as aves, os ramos  
as neblinas do arrebol ;

em vão pergunto : — onde estamos ?  
ao mudo rochedo hostil,  
e á lua : — para onde vamos ?

Nada responde. No hastil,  
dobra-se a flôr descorada  
e tomba no lodo vil.

Empallidece a alvorada,  
na nuvem se esvae a luz,  
e fica a noite cerrada...

## II

Em tudo se reproduz  
do Christo a agonia escura :  
— no bosque é o cedro uma cruz !

E dentre a verde espessura  
brota a bella flôr de lis,  
como um calix de amargura.

Nas espessuras subtis  
do craneo o mesmo tormento  
dardeja golpes febris.

Nosso espirito é sedento,  
quer saciar-se no Bem ?  
foge o Bem n'aza do vento.

Si o coração diz: — ninguem  
ha na vida que me reja,  
murmura o tumulo: — Amen! —

E o cerebro, que lateja,  
resoa a palavra Deus,  
como um clarim na peleja.

Ao largo! é lei sob os ceos  
luctar, morrer, e em seguida  
resurgir nos escarceos...

Gyrrar na roda da Vida  
como as estrellas no azul,  
e da *Patria promettida*

Ser eternamente exul !  
maré maldicta rolando,  
rolando de norte a sul !

E tudo vae revoando,  
almas e constellações  
no redemoinho nefando  
dos eternos turbilhões !

---

## O ULTIMO DIA

UM dia decomposta, exanime, inanida,  
como um astro a rolar da turbida amplidão,  
a Materia senil, a grande mãe da Vida  
ha de volver do cháos á velha escuridão.

Cataclysmo inaudito ! o forte alento de aço,  
que outr'ora do universo o peito rude enchera,  
em atomos desfeito ha de rugir no espaço  
em delirio feroz de rabida panthera.

De um gelado terror a livida mortalha  
então envolverá a immensidade etherea...  
e um subito estampido, igual ao da metralha,  
romperá do profundo abysmo da Materia !

Orbes, constellações, moléculas do Immenso,  
que do espaço habitais o paramo fecundo,  
até vós subirá um negro vapor denso,  
formado do bramido estupendo do mundo.

Quebrado já por fim o equilibrio e apagadas  
as luzes sideraes, um torpôr tenebroso  
largas azas de chumbo, atrozes e pezadas,  
abrirá sobre o chãos horrendo e silencioso...

Mas apenas soar a hora do Increado  
no relógio infinito a voz das creações,  
surgirá soluçando um portentoso brado  
do chãos, a se estorcer em novas convulsões!

E' que então, Natureza, um novo monstro geras  
no ventre maternal, um mais heroico feto  
do que esses que geraste em perpassadas éras.

. . . . .

E teu parto será mais bello e mais completo.

---



## DE TARDE

EU vi voando caminho do occidente  
o bando ideal de minhas illusões ;  
do sol um raio tremulo, dórmente  
dourava-as com seus ultimos clarões.

Para longe corriam doudamente  
a crença, o amor, meigas aspirações...  
creio até que entre as aves, tristemente  
iam partindo nossos corações.

Alem, alem... e os passaros risonhos  
foram-se todos. Venus lacrymosa  
brilhou : — no mais, deserta a immensidade.

Não ! no occaso do sol e de meus sonhos  
ficou inda a pairar, triste e formosa,  
a ave formosa e triste da saudade.

---

## CULTO IDEAL

A embriaguez da luz, dos sons, do aroma  
fez rebentar-me na alma tua imagem :  
sonhei-te entre a virente e basta coma  
de um bosque, á luz da aurora, aos sons da aragem.

Meu ser ora subia ao sol distante  
pelo deserto azul, como um condor,  
ora adejando, como uma ave errante  
colhia um pensamento em cada flôr.

No velludo sombrio das montanhas,  
longinhas como a idéa do passado,  
harmonias angelicas, extranhas  
attrahiram-me o ouvido fascinado.

Nesse instante brotou em minha mente,  
como um ideal á flôr da phantasia,  
a tua imagem candida, ridente,  
coroadada das rosas da alegria.

Então no peito, ó virgem de meus sonhos,  
a ti que o Bello universal resumes,  
ergui castellos rutilos, risonhos,  
feitos de luz, de sons e de perfumes.

---

## A NUVEM

NUVEM errante, peregrino vaso,  
que fluctuas no espaço eternamente,  
ora dourada pelo sol no occaso,  
ora fendida pelo sol nascente ;

Essas formas phantasticas que assumes,  
batida pela luz e pelos ventos,  
nuvem feita de orvalho e de perfumes,  
são imagens dos nossos pensamentos.

Amor ou illusão que vás levando  
no seio, onde germinam primaveras,  
detêm-te, nuvem, deixa-me sonhando,  
nutrir-me na visão destas chimeras.

## PEREGRINA

NA esteira de ar que, bella e triumphante,  
vaes deixando ao passares junto a mim,  
invade-me a alma o aroma estimulante  
da baunilha, do aniz e do benjoim.

É monotonico e doce o deslizar  
de teus sonoros pés na areia fina  
das estradas: — o raio de luar  
não deslisa mais leve na neblina.

Vendo os doces contornos sinuosos,  
que ás vestes alvas tuas fórmãs dão,  
vêm-me a idéa os desenhos caprichosos,  
que o sol traça de nuvens na amplidão.

Não sei de que paiz de fadas é  
o philtro, com que encantas os caminhos;  
apenas vaes ao longe, onde teu pé  
pousaste, vêm pousar os passarinhos.

Juncam depois o percorrido sólo  
de desejos mil flôres ideaes.  
Bem quizera depol-as em teu collo,  
crestal-as em teus seios virginaes.

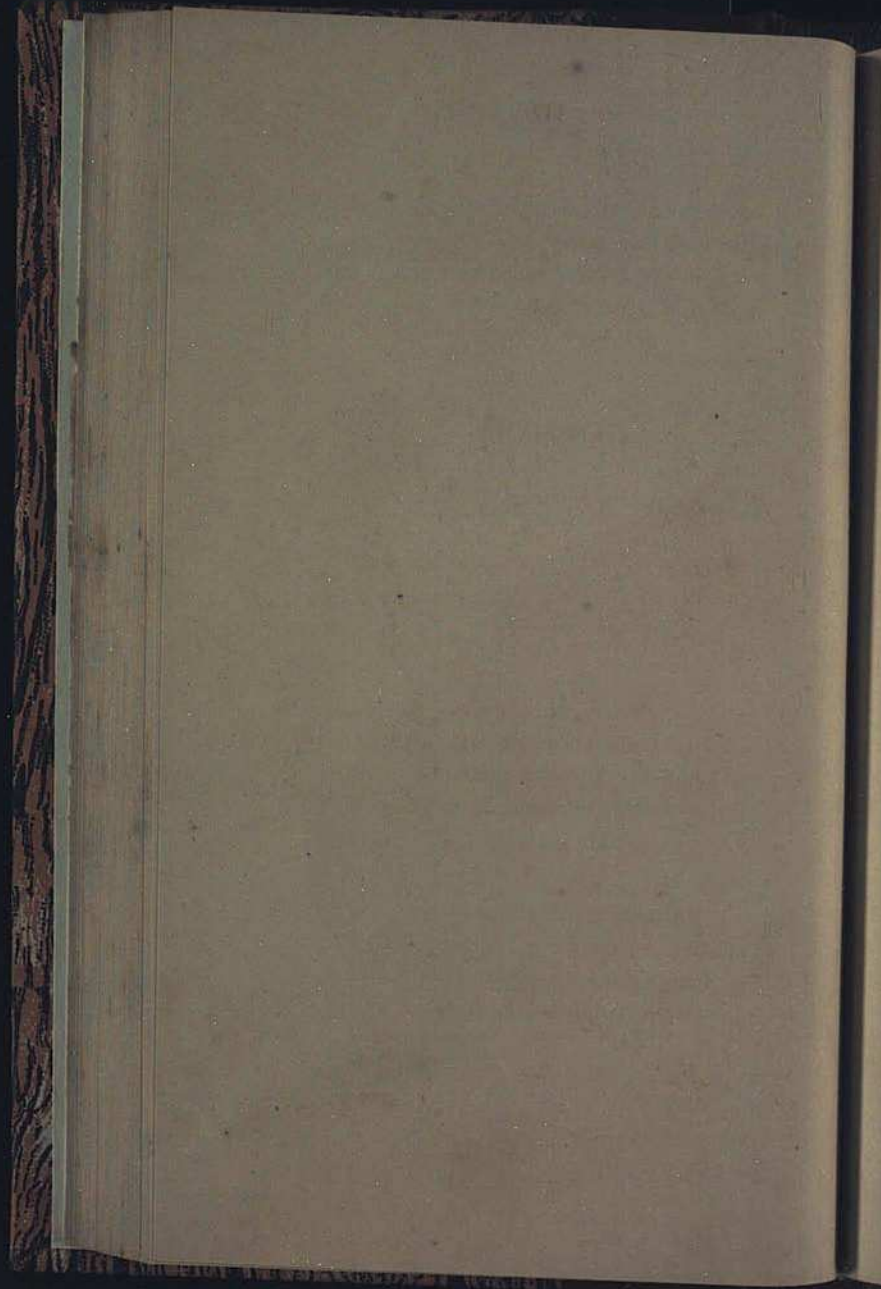
Meu ser volatilisa em effusões  
o amor, aneio que se não define:  
vão lá contar as lavas dos volcões,  
vão lá medir as arias de Rossini.

No entanto, passas rica de homenagens,  
e a tudo encantadora te sorris;  
nas arvores inclinam-se as ramagens,  
inclinam-se as corollas nos hastis.



E não te cansas nesse andar sem fim ;  
a quem evitas, meiga fugitiva ?  
si te perseguem, porque vaes assim  
fugindo tão alegre e tão festiva ?

Minha alma é tua sombra, ó peregrina  
filha do sol, amiga do luar,  
em te seguir minha alma tem a sina,  
porque ella tem a sina de te amar.



## DORMINDO

Na vaporosa cama,  
entre os lyrios ideaes da virgindade,  
da lamparina á frouxa claridade,  
dorme, talvez, o somno de quem ama.

Do lençol a finissima cambraia  
vela-a e debuxa-lhe o contorno brando:  
— andam desejos pelo ar voando...  
... a lamparina languida desmaia...

Um sorriso de leve  
unge-lhe o labio angelico: — ella sonha,  
e afagando a visão sempre risonha,  
da pelle meiga em rosas tinge a neve.

Extingue-se de todo a lamparina.

Distende um braço e, appetecidas prendas,  
saltam-lhe as pomas d'entre as fôfas rendas.

Lá fóra tocam sinos a matina;

ella acorda sonhando... e mollemente  
se espreguiçando á morbidez do somno,  
patenteia em edenico abandono  
da virgindade o fructo pubescente.

E o aventureiro louro,  
o sol travesso, que da fresta a espia  
para dar-lhe o « bom dia »,  
vendo-a tão bella na nudez pagã,  
manda-lhe um beijo numa setta d'ouro,  
temperada no orvalho da manhã.

---

## NOIVADO CELESTE

DE perolas de orvalho coroada,  
passeia a madrugada  
pelos campos e bosques sussurrantes;  
aqui um lyrio, alli uma bonina,  
perfuma e beija, carinhosa irmã.  
Ao diadema de luzes tremulantes  
prende-lhe ainda a gaze de neblina  
a estrella da manhã...

Vai ás moitas e acorda os passarinhos,  
nos quentes, fôfos ninhos  
os dedos, raios de ouro, introduzindo;  
e as aves, alchimistas do arrebol,  
transformam o ouro em canto e vão cantando.  
No azul do espaço infindo  
Perpassa indefinido um sôpro brando.  
Lá vem rompendo o sol.

E a madrugada, sacudindo as vestes,  
pelas vagas celestes  
eil-a em caminho do occidente passa,  
deixando aos ares limpidos, serenos,  
lucida esteira em iris de crystal;  
e quando o sol á tarde chega e a abraça,  
ella ao deitar-se prende á estrella Venus  
seu roseo cortinado nupcial.

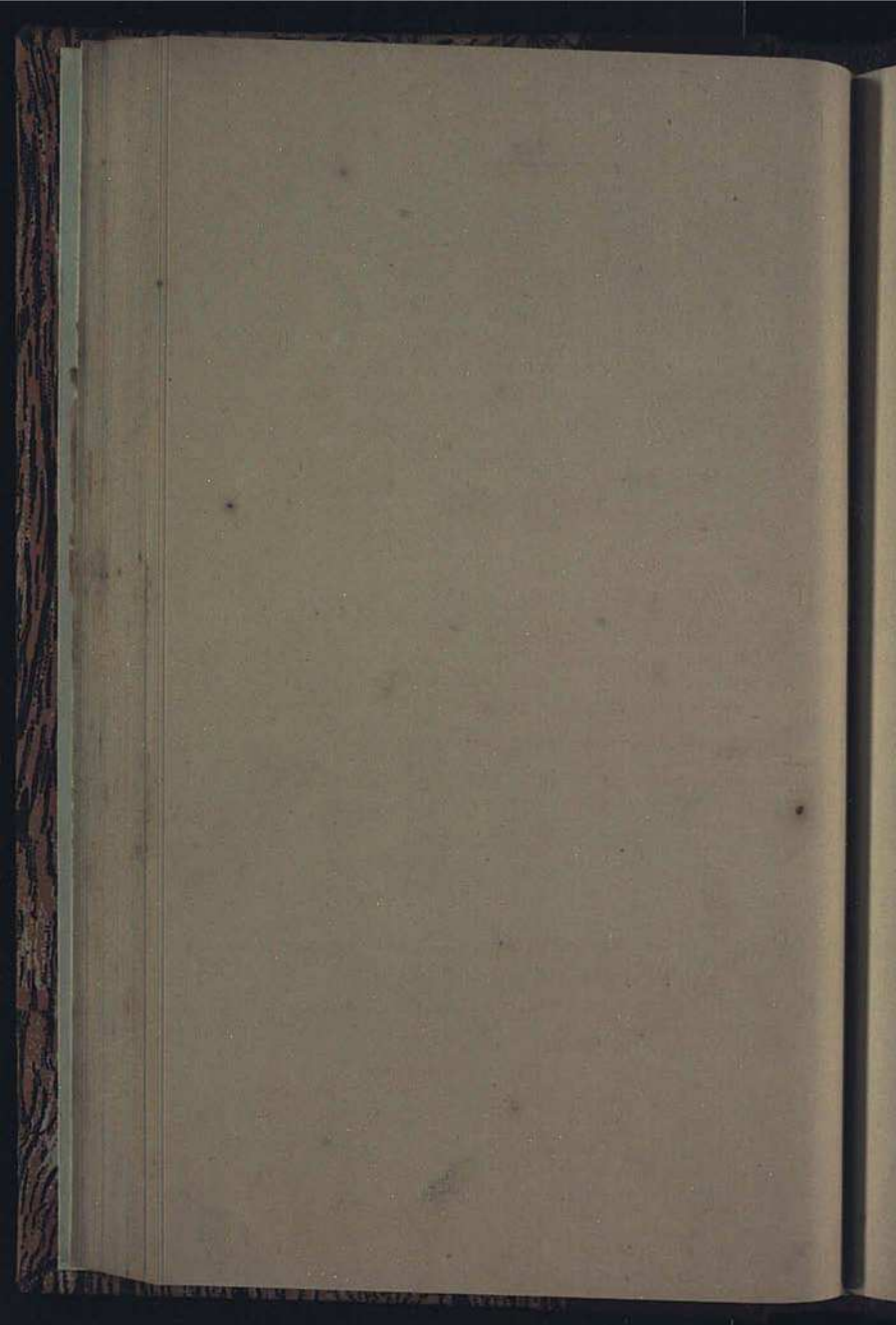
.....

---

## SOMNAMBULA

A moça que mora em frente  
é uma moça indiferente,  
não sei que mysterio tem:  
não chega nunca á janella,  
ninguem olha para ella,  
nem ella para ninguem.

Mas conta-se que a horas mortas,  
fechadas todas as portas  
da vizinhança, ella sai,  
e ao cemiterio chorosa  
vai desfolhar uma rosa  
por sobre a campa do pai.





## FASCINAÇÃO

O pingente se torna em perfume no galho,  
o sol se decompõe nas côres, a harmonia  
em vibrações: — tu tens a triplice magia  
da luz, do som, do orvalho.

A luz! Quem não viu ainda as humidas auroras  
desses olhos azues, serenos, peregrinos...  
O som! Quem não te escuta os canticos divinos,  
que quando falas — choras?

Que de orvalhos de pranto, as rosas perfumadas  
de teus seios não tem, talvez, o amor vertido.  
E's pallida... dir-se-hia um sonho enfebrecido  
por noites agitadas!

Sinto-te dentro em mim, em ti sou venturoso ;  
magnetica prisão nos nega a dualidade :  
longe ou perto, eu escuto o canto glorioso  
de tua virgindade.

Sou feliz junto a ti, por ti é que trabalho,  
buscando um ideal nas nevoas do futuro ;  
e quando estás distante, ainda te procuro  
na luz, no som, no orvalho...

---

## VIUVEZ

(CATULLE MENDÈS)

MINHA alma é como o solitario ninho,  
que a volta da invernia pôz deserto ;  
sob os tectos, que a neve tem coberto,  
nem mais vóos, nem canto, nem carinho.

Eu sou como uma antiga cidadella,  
abandonada após longas derrotas ;  
negras muralhas, pelas balas, rôtas,  
e que o tempo a seu turno desmantéla.

Mas o ninho viuvo, leva-o a brisa ;  
cae, por fim, a muralha, e a praça forte  
fica um rochedo, que o viandante pisa.

Só eu espero um termo á vida, ao ser:  
ha muito tempo n'alma tenho a morte.,  
e meu corpo obstina-se em viver !

---

## A MORTE DE SAPHO

Do pincaro sagrado da alterosa  
Leucade, solta a cabelleira ao vento,  
as crespas ondas do humido elemento  
Sapho contempla triste e lacrimosa.

Orna-lhe a fronte viride corôa ;  
gotas de pranto as meigas faces lhe ornam,  
como bagas de orvalho, que se entornam  
na flôr, que o aroma á luz desabotôa.

Que mágua afflige a musa das Hellenas,  
porque prantos de mágua assim derrame-os?  
Não mais os festivaes epithalamios...  
Fechai-vos, portas da sonora Athenas.

Emmudeceram com acerbos dores  
as cordas dessa lyra,  
em que outr'ora suaves desferira  
tantas odes de amor, ternos amores.

Cessam do vento as querulas endeixas,  
as ondas mansas se unem, se misturam,  
e umas ás outras, a passar, murmuram  
flebilissimas queixas.

Queixas, que apenas nascem, logo expiram,  
ephemeras, no espaço em brando chôro,  
notas eoleas, que na lyra de ouro  
« Phaon »... leves suspiram.

« Phaon »... E Sapho numa angustia horrivel,  
Pitia de Delphos, desgrenhada e louca,  
o olhar incerto, enlivecida a bocca,  
« Phaon »... exclama, erguendo-se terrivel !

« Bello nume, por quem de balde chamo,  
filho de Venus, a outro amor entregue,  
fatal destino a sorte me persegue :  
— busco-te, e foges, foges-me, e eu mais te amo.

Beijos ardentes, que os desejos fingem,  
queimam meus lábios e meu rosto abrasam,  
e em minhas veias vasam  
chammas, que todo o coração me cingem.

Tremulo o seio em ancia convulsiva,  
turbos os olhos, sinto a lingua presa,  
e num desmaio languido, captiva,  
arde minha alma em teu amor accesa.

Quando em sonhos te bebo o amante bafo,  
e aperto-te a meu peito que lateja,  
até no Olympo os deuses têm inveja  
da venturosa Sapho.

Sonhos? Mentira é tudo quando acordo,  
menos o teu desprezo e o meu martyrio,  
e me entregando ao fervido delirio,  
em amorosa raiva o labio mordo!

Sepulta, Ionio mar, este tormento,  
Alceu, teus hymnos immortaes se calem,  
Lyra de Lesbos, com minha alma estalem  
todas as tuas cordas num momento !!! »

Disse: e do alto rochedo se arrojando,  
cahiu no mar. E as aves que passavam,  
suaves murmuravam  
os queixumes da amante em choro brando.

As nayades formosas  
vão levando em triumpho a lyra de ouro;  
emquanto no azulado sorvedouro  
embalam Sapho ondinas lacrimosas,  
crescentes arcos desenhando na agua,  
em caprichoso gyro;  
e o manso vento, portador de mágua,  
leva a Phaon seu ultimo suspiro...

---



## A HERANÇA DE PROMETHEU

Na veia de aço que as nações irmana,  
sangue de luz, corre a veloz fagulha,  
como um fragmento da razão humana ;  
e a palavra que a idéa desabrocha,  
córta os ares, no pelago mergulha,  
rompe as geleiras, vence a dura rocha,  
e galgando os abysmos mais profundos,  
liga os pólos e abraça os cinco mundos!

Nem mais rapido, ó sol, ferira o lume  
de teu nascente raio  
o inacessivel cume  
do montanhoso pincaro himalayo ;  
nem mais brilha, dos tropicos  
entre os valles cyclopicos,  
na mica scintillante ou no ouro raro,  
teu intenso fulgor em dia claro.

Sumiu-se o sol no occaso?  
Vaga o lucto sombrio  
na vastidão da noute? — O debil fio,  
como serpente enrosca-se e conduz  
secreta força a mysterioso vaso...  
e em electrico jorro esguicha a luz!  
Ao clarão desta aurora,  
(pasmai povos antigos, deuses novos,  
pasmai, futuros povos!)  
na membrana metallica, sonora,  
vivo papyro, pagina animada  
Edison guarda a Tradição falada...

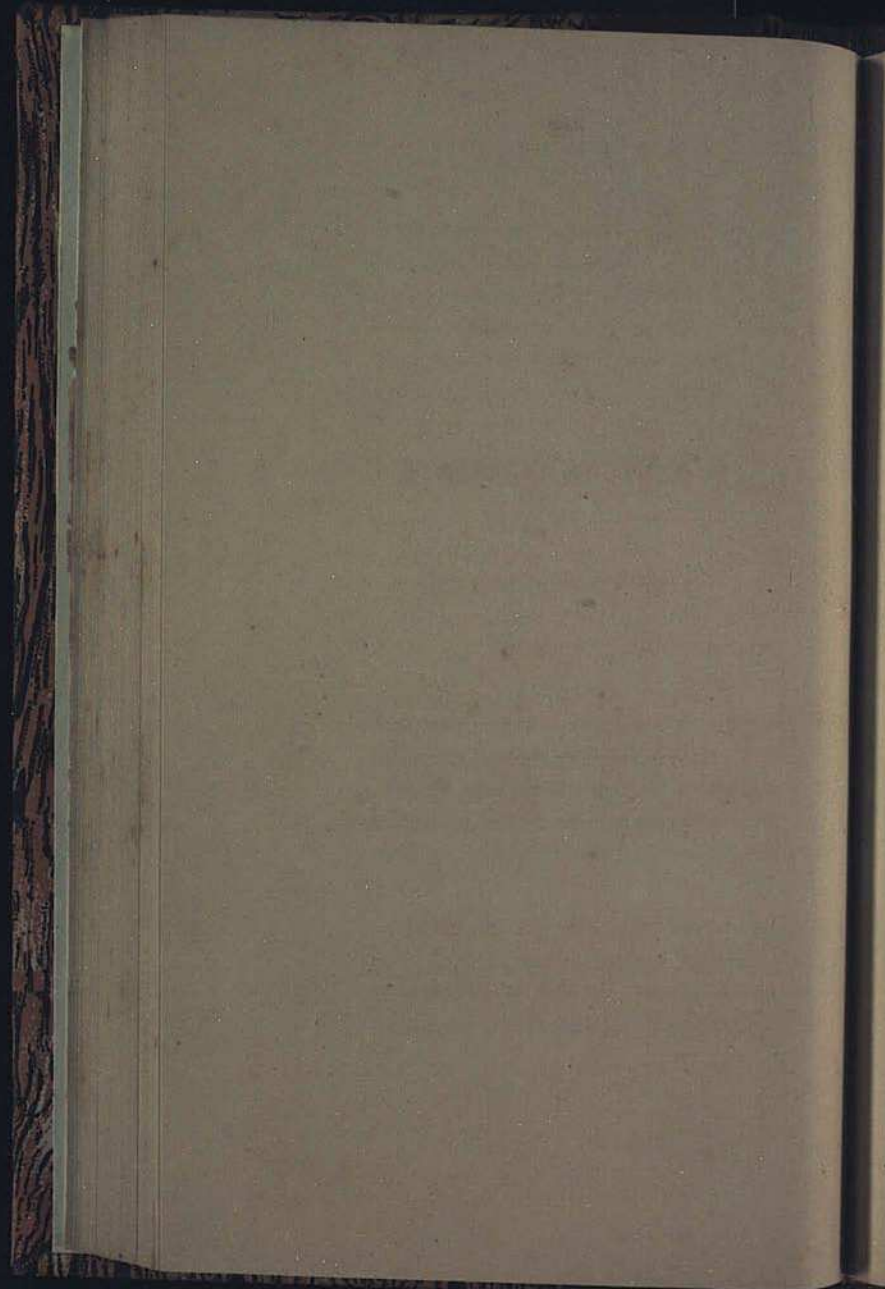
Houve outr'ora no Caucaso um proscripto,  
diz a legenda grega,  
que um dia subtrahira,  
no paramo infinito,  
a sagrada faisca á eterna pyra,  
porque ao homem guiasse a razão cega.

Pois bem! tempo ha de vir em que o Deus Homem,  
no anceo dos esforços que o consomem,  
busque tocar no sideral assento,

cavalgando um condor de azas de arame :  
irá restituir a chamma ao céo  
e obter indulto para o audaz gravame ;  
porém não ha de achar mais firmamento.

Serás, então, vingado, ó Prometheu !

---



## O BONZO DO OCCIDENTE

EMQUANTO na ara sacra o azymo pão elevas  
ante o extatico olhar da crente multidão,  
e, alma feita de lodo, alma feita de trévas,  
finges seguir piedoso os *Passos da Paixão*;

A gangrena roaz dos soffregos instinctos  
imprime-te no corpo asinino e suado,  
os beijos sensuaes, tantalicos, famintos,  
da impureza carnal, do lubrico *peccado*.

Sacrilego, onde tens reconditaa consciencia,  
onde abrigas, Tartufo, a mysteriosa fé;  
porque erijas em crime as normas da Existencia,  
e calques a virtude honesta com teu pé?

Prostitues a mulher, e a chamas Magdalena,  
perdôas o adulterio e condemnas o berço,  
maculando do Amor a grande alma serena,  
que fôrma o pantheismo immenso do universo.

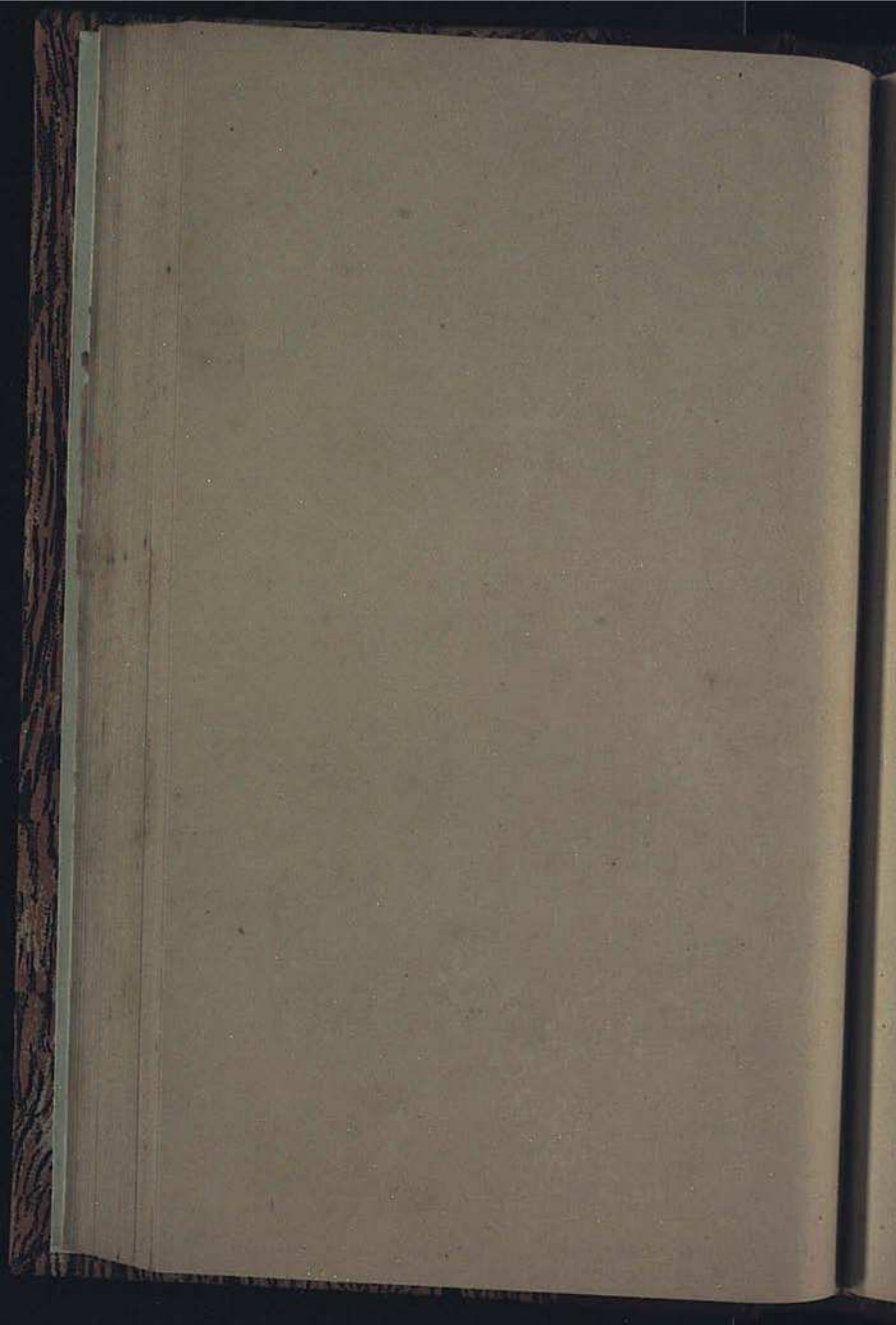
Olha, torpe embaidor das vãs consciencias cegas,  
môcho da escuridão no seculo da luz;  
emquanto na tribuna a caridade prégas,  
pregas o Salvador segunda vez na cruz!

Debaixo da apparencia humilima e bondosa,  
(e não falta, aliás, quem inclyta proclame-a!)  
occultas uma jaula escura e pavorosa,  
em que ruge, sangrenta, a panthera da infamia!

Tivesses tu poder, e este formoso mundo,  
que avista agora a luz de um sol promettedor,  
não passaria, então, de um pantanal immundo,  
do qual serias, sapo, o unico dictador.

E nesse esgar canino, hydrophobo e nefario,  
cobririas, até, si o pudesses de rastros,  
com a tua roupeta o espaço planetario,  
só para os Galileus não descobrirem astros.

---





## VISITA A UMA MINERAÇÃO

Duro penhasco, abre teu seio duro,  
em que a luz primitiva adormecera ;  
o aço da Industria, o sceptro do futuro,  
abutre novo, as fibras te lacéra.

E eis já rasgada funda galeria,  
tumulo aberto da avareza insana,  
onde nunca chegaste, ó grande Dia,  
mas onde chega a intensa força humana.

Partindo aos estilhaços o veeiro,  
a dynamite á rocha dá combate,  
e em compassados golpes o mineiro  
a retumbante picareta bate.

Um estampido, — e lasca-se o granito,  
outro tiro, — e o granito rola em seixos.  
Das machinas de ferro, ao forte attrito,  
rincham as rodas nos candentes eixos.

E a rica flora mineral desata  
e rompe o véo ao rutilo thesouro:  
— brota o esmeril, em fios corre a prata,  
florece a gemma, abrem-se rosas de ouro.

Feerica visão, mas verdadeira.  
Aqui phantastico alvanel gravára,  
em fino esmalte, na epocha primeira,  
plastica ideal da perfeição avara.

Columnas, arcarias, arabescos  
brilham, porque a Memoria nos esconda  
os fabulosos paços principescos,  
e os thesouros de Ophir e de Golconda.

Créso da Lydiá, foste um miseravel,  
tambem, Lucullo, um miseravel foste,  
Alhambra, architectura detestavel,  
Columna de Vendôme, humilde poste.

O iris compõe-se em luz, a luz se coalha  
e decompõe-se em iris, e de novo  
scintilla, ora na luz que o raio espalha,  
ora na suave côr da gemma de ovo.

Em cimbre augusto a abobada suspendem  
palmeiras de crystal e bronze e cobre;  
racimos de ouro de seus troncos pendem,  
entre a enroscada silva que as encobre.

E com a picareta e o camartello,  
o Homem que tem da criação o reino,  
de destruir o esplendido castello,  
novo Atila fatal, nada detem-no.

Demole, arrasa e quebra e faz escombros,  
e eil-o de novo ascende em aurea insanía,  
levando sobre os suarentos hombros  
os espolios da flora subterranea.

E toda aquella maravilha immensa,  
que de espanto e de luz nos embebeda,  
se apouca, se constringe e se condensa  
no disco miseravel da moeda!

---

## SYNTHESE

QUE importa á natureza o velho thema  
do ser e do não ser — o berço e a tumba,  
si alguém folgue ao prazer, si á dôr succumba,  
si ria ou chore, si suspire ou gema?

Seio de mãe e entranha de Saturno,  
ella alimenta com intenso affecto,  
tudo que produziu, e por seu turno  
devora avidamente o proprio fêto.

O tragico problema em vão se agita,  
á velha geração succede a nova,  
e a cada novo ser, que á luz palpita,  
tece-se um berço, rasga-se uma cova.

E o homem, de um só dia peregrino,  
de manhã deixa o berço, mal desperta,  
e ao voltar pela noute — atroz destino!  
acha o berço occupado, a cova alerta.

---

## SERENATAS

(CATULLE MENDÈS)

A AMÉRICO LOBO

## I

A madrugada ria-se em festim.

Tu me chamaste: « vem », e logo vim.

Mais tarde um pouco, « canta » me disseste,  
e eu cantei tua graça, alma terrestre.

Mas veio a noute (ó noute em que me vi!)  
tu me mandaste: « parte » e eu não parti.

## II

Mesmo assim arrufada ! adoro ainda  
o teu semblante, quando se enfurece,  
pois nesse olhar, que um puro esmalte alinda,  
suave a propria colera parece.

O Amor, que as delicadas leis ensina,  
não raro, inda que sempre doce e liso,  
no labio que nos prende e nos fascina,  
faz succeder os momos ao sorriso.

E, prudente, concede aos namorados,  
para curar as frouxidões morosas,  
que affectam sempre os peitos bem amados,  
as rixas, esses lategos de rosas.

## III

Teu coração é de ouro fino ; tudo  
é nitido e leal nessa alma pura ;  
mas a esperança, que me foi escudo,  
vai descambando em duvida e tortura.



Ah! minha irmã, eu tenho visto aos centos,  
á hora languida em que a noute tomba,  
dispersados meus sonhos pelos ventos,  
como as pennas dispersas de uma pomba.

## IV

A fria lua que rola  
com languidez de creoula,  
sonha dolorosamente  
no infinito céu dormente,

em quanto das crystallinas  
fontes, em vagas surdinas,  
se exhala nos tristes ares  
o pranto dos nenuphares.

## V

Canta joven pastor no bosque a sós,  
e o echo vaidoso diz: «sou eu a voz!»

Sob a vidraça que a cortina vela,  
a lampada murmura: « eu sou estrella! »

Nos lagos onde inclina-se a ramagem,  
« quem existe sou eu » diz sua imagem.

Porém, mais falsa, ó sina que deploro!  
era a voz que jurava-me: « eu te adoro! »

---

## ANGELICA

Tu, por seres alvissima desdenhas  
a morena de longas tranças pretas:  
dizes que tens razão, talvez não tenhas.  
Porque desprezos para as violetas?

Que tem tua alva côr que sobreleve  
a côr morena em face de um espelho?  
A neve é branca, o sol vermelho, e a neve  
branca é vencida pelo sol vermelho.

Julgo igualmente bellas na pintura  
todas as côres, todas as *nuanças* :  
em toda parte brilha a formosura,  
nas tranças louras, ou nas negras tranças.

Perdôa-me a dureza do conceito,  
voz da verdade, queiras ou não queiras :  
olha, criança, que a qualquer respeito  
são parecidas todas as caveiras !

---

## NOS CAMPOS

RESPIREMOS um pouco ao ar sadio  
dos campos ; vai, idéa, e livre vôa,  
como o passaro leve e fugidio,  
nos espaços azues errando atôa...

O' natureza, ó mãe fecunda e bôa,  
de rosto ora risonho, ora sombrio,  
abre teu seio, donde a luz surgiu,  
e onde minha alma canticos entôa.

Subamos á collina... ó quadro immenso!  
ao longe das montanhas, como incenso,  
sobe o fumo aos altares do arrebol.

Oh! eu sinto no cerebro a verdade,  
sorvendo o azul sem fim da immensidade,  
e te bebendo o sangue de ouro, ó Sol!

---

## BUCOLICA

NA orgia dos sons, das côres,  
ficou minha alma pagã;  
bebendo o aroma das flôres,  
bebeu a luz da manhã.

Abriu-se-me a flôr da vida  
sob um sol fecundo e ardente;  
amo a palmeira florida  
e o soluçar da torrente...

Tenho taças de verdura  
junto aos troncos seculares,  
em que bebo a lympha pura  
do nectar que vem dos ares.

Entendo o canto das aves,  
que agitam o azul dos céos,  
como de um templo nas naves  
as lithanias de Deus.

Nas clareiras escalvadas  
das grandes, floridas mattas,  
choram frescas alvoradas  
de perolas as cascatas.

Entro altivo nas immensas  
Babylonias vegetaes,  
sob as lianas suspensas,  
como arcadas triumphaes.

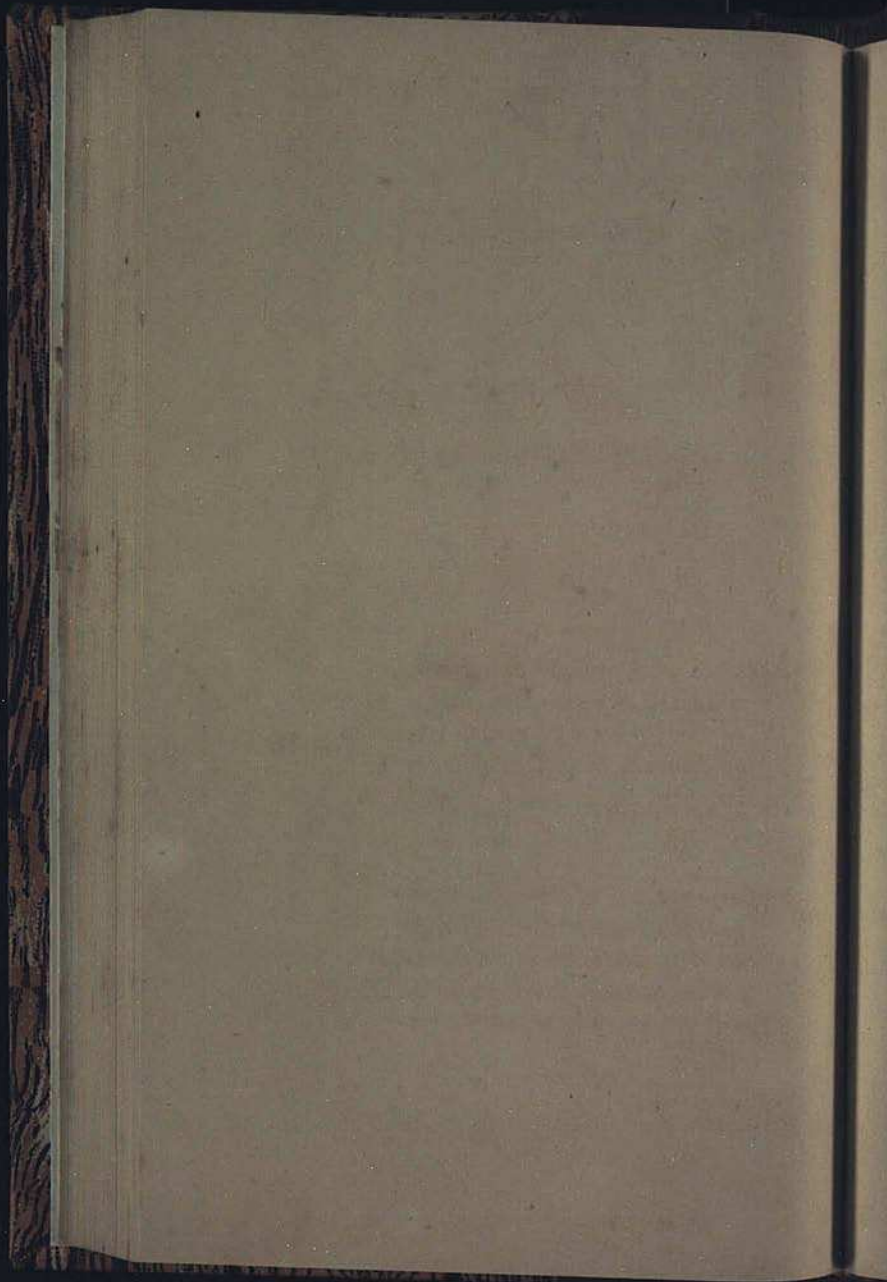
Nas voltas da trepadeira  
leio estheticos segredos,  
e aprecio a sobranceira  
attitude dos rochedos...



A natureza é uma mestra,  
uma mestra maternal,  
que dá-nos lições de orchestra  
e nos ensina o ideal.

Na orgia dos sons, das côres  
ficou minha alma pagã ;  
bebendo o aroma das flôres,  
bebeu a luz da manhã.

---



## CONFIDENCIA

(A MEU IRMÃO BERNARDINO DE LIMA)

MEU somno é povoado de chimeras,  
que insolitas visões dormindo sinto!  
Acho-me a sós num grande labyrintho  
de verdores, de luz, de primaveras;  
mas tudo de um passado já extinto.

E scismo então... que dolorosa scisma  
gostosamente verte-me a saudade  
da bella quadra da primeira idade!  
Servem-me as tristes lagrimas de prisma,  
e tudo vejo claro e com verdade.

Vejo além... uma sombra que descança,  
pequenina e gentil, quasi esvaida :  
é minha infancia limpida, vestida  
da verdejante tunica — Esperança,  
feita do olhar de nossa mãe querida.

. . . . .

O' passado, em que as rosas de meus annos  
o tempo desfolhou, ó sorvedouro  
de minhas illusões e sonhos de ouro,  
descerra-me de novo os teus arcanos,  
e restitue-me o meu gentil thesouro.

Mas nisto acordo, o sol por uma fresta  
dardeja-me no rosto um raio puro ;  
e ao fugir do passado o vulto obscuro,  
choro, mas não descreio, ergo-me em festa  
e saúdo-te, aurora do Futuro !

---

## VIDA !

OLHA esta gota de agua crystallina :  
é tão leve, tão tenue e pequenina,  
que a sêde vegetal mais estimula,  
e nem ao menos molha  
do lyrio o hastil, o calice ou a folha,  
em que, liquida perola, tremúla ;  
tão leve que num hausto a absorvo e trago-a.  
Tu, que já penetraste os oceanos  
e devassas reconditos arcanos,  
não a desprezes, olha-a :  
que vês na gota crystallina de agua ?

Nella se espelham fulgidos, celestes  
prismas, que a luz exterior diffunde,  
como em puro diamante lapidado.  
Mas si o olhar limitado  
de uma lente revestes,

porque a vista sagaz mais se profunde ;  
verás, então, do turbilhão da Vida,  
surdirem novos seres, e estes seres  
aumentando-se em linha indefinida,  
de modo a não poderes  
contar sequer seu numero. Detem-te  
e observa a formação varia, infinita  
dos corpos, cujo fremito latente  
um mesmo *protoplasma* anima e agita.

---

Mas, não ! O olhar perturba-se em vertigens  
de febril paroxismo.

Nem procures saber-lhes as origens,  
a esses entes anonymos, que viste.  
Para o prescrutador olhar humano,  
como no grande, existe  
no infinito minuscuro — um abysmo.

Homem, na gota de agua ha um oceano !

---

## PALIMPSESTOS

## I

Não ha poema, hymno ou carme  
que de expressão mais palpite  
do que essa phrase que ouvi-te,  
quando te approve fallar-me :  
« Seja discreto. » Pois sinto  
não houvesse no recinto  
algum regente de orchestra  
para ouvir nossa palestra.

## II

Eu sei de uns poucos de sabios,  
que vivem pulsando *in folios*,  
para entender em teus olhos  
o que não dizem teus labios.  
Lessem antes no meu peito,  
e veriam com despeito  
que a sciencia de minha amada  
são quatro letras... mais nada.

## III

Vive-me n'alma este affecto,  
que é notorio, tu m'o dizes,  
mas eu no vacuo completo  
passo os dias infelizes.  
Bem vêes que assim me assemelho  
ao vidro de um liso espelho:  
— as imagens que lhe dão,  
todos vêm-n'as, elle não.



## IV

E assim minha alma vive hoje  
correndo ás dôres entregue,  
regato que de si foge  
e que a si mesmo persegue...  
E ha de ir no seu curso insano  
perder-se, emfim, no oceano,  
contente por ter soffrido,  
soffrendo por ter vivido.

## V

Teu riso a torna amorosa,  
mas não me tira a desgraça:  
nem faz a pet'la de rosa  
transbordar a cheia taça.  
Basta, si choras, no entanto,  
uma gota de teu pranto,  
e lá se vão minhas máguas  
na correnteza das aguas...

## VI

Estas lóas da desgraça,  
recebe-as e queima-as logo,  
e si o pranto que as repassa  
extinguir, acaso, o fogo ;  
rasga-as e lança os fragmentos  
ao rio : — pobres lamentos !  
irão, como ilhas errantes,  
pedaços de almas amantes.

---

## FELICIDADE

QUE mais desejo, tendo-vos commigo,  
aureos cabellos, olhos de saphira?  
De vosso influxo ao precioso abrigo  
florece o Bem, o Mal é uma mentira.

A propria noute, a mãi dos pesadelos,  
é para mim um matinal disfarce,  
quando fitando-te entre sonhos bellos  
vejo a vida em deslumbres desatar-se.

Ah! quando de ti junto e commovido  
sinto pulsar teu coração, e o escuto,  
como um suave pendulo movido  
no relógio do Amor casto, impolluto;

Minha alma aspira o oxygenado clima  
de um paiz ideal feito de auroras,  
onde o porvir tranquillo se approxima  
ao sonoro tintinar das horas...

## O ESPANTALHO

(SOULARY)

A RAUL POMPEIA

COM seu chapéo taful de palha italiana,  
quando ella apparecia, em louco turbilhão,  
vinham logo os pardaes ao concavo da mão  
a bicar-lhe a cereja ; — amada soberana !

Nem côrte mais fiel, nem rainha mais lhana :  
si aquella tinha fome, esta — bom coração.  
O avaro jardineiro agastava-se em vão,  
e cuidava em pôr cobro á gulodice insana.

Morre ella ! uma manhã o jardineiro lança  
sobre uma cerejeira o chapéo da criança,  
servindo de espantalho á troça aventureira.

Artificio traidor ! as aves familiares,  
cuidando ver a irmã, accodem aos milhares :  
— não tinha uma cereja, á tarde, a cerejeira.

---

## O POBRE SONHADOR

O pobre sonhador assim gemia,  
fitando a nuvem que nos céos passava :  
« triste filha do espaço, triste escrava  
do vento, imagem da melancolia ! »

Como tu, é a Ventura fugidia,  
que esta alma ha pouco, languida, embalava,  
hoje presa das garras que lhe crava  
o rancoroso tédio, noute e dia ! »

A nuvem engrossava, e o sol brilhante  
sumira-se atrás della: — o espaço inteiro  
não tardou em cobrir-se de negror.

E a nuvem rebentou estrepitante,  
e um raio desprendendo-se, certo,  
veiu matar o pobre sonhador.

---



## A RAYMUNDO CORRÊA

SORRIU-TE a Musa, infante inda no berço,  
e dos « Primeiros sonhos » despertou-te;  
e desde então, cantando dia e noute,  
leva-te o genio musical do Verso.

As vastas « Symphonias » do universo,  
na lyra de ouro sóbria, Orpheu legou-te,  
e sem que ao gongorismo vão se affoute,  
o estylo é rico, cinzelado e terso.

Ali, num *microcosmo* condensaste  
aromas, sons e luz, e, por contraste,  
os gritos do clarim e a flauta languie.

Nos « Versos e Versões », porém, conquistas  
o ideal supremo dos geniaes Artistas,  
molhando a penna no teu proprio sangue.



# INDICE

---

	Pag.
PREFACIO.. . . . .	VII
Illusões que eu ameí.. . . . .	1
Atravez dos seculos.. . . . .	3
A descida.. . . . .	5
Entre as arvores .. . . . .	7
O sceptico.. . . . .	11
Elevação.. . . . .	13
Evangelho e Alcorão .. . . . .	15
Colera do mar.. . . . .	17
Os ferreiros .. . . . .	19
O inquisidor .. . . . .	21
A visão.. . . . .	23
Unda et ignis .. . . . .	25
Vogando .. . . . .	27
A ilha de coral .. . . . .	29
A agonia de Christo .. . . . .	31
As lagrimas do regato.. . . . .	33
O polvo.. . . . .	35
O amor .. . . . .	37
Sonho transformista.. . . . .	45
O abysmo .. . . . .	47
Os dous Christos.. . . . .	53
O volcão e o sol.. . . . .	59
Flôr carnívora .. . . . .	63
Amigo.. . . . .	65
A um caçador.. . . . .	67
Febre espiritual.. . . . .	71
Icaro .. . . . .	75
Desenlace .. . . . .	77
Problema .. . . . .	79

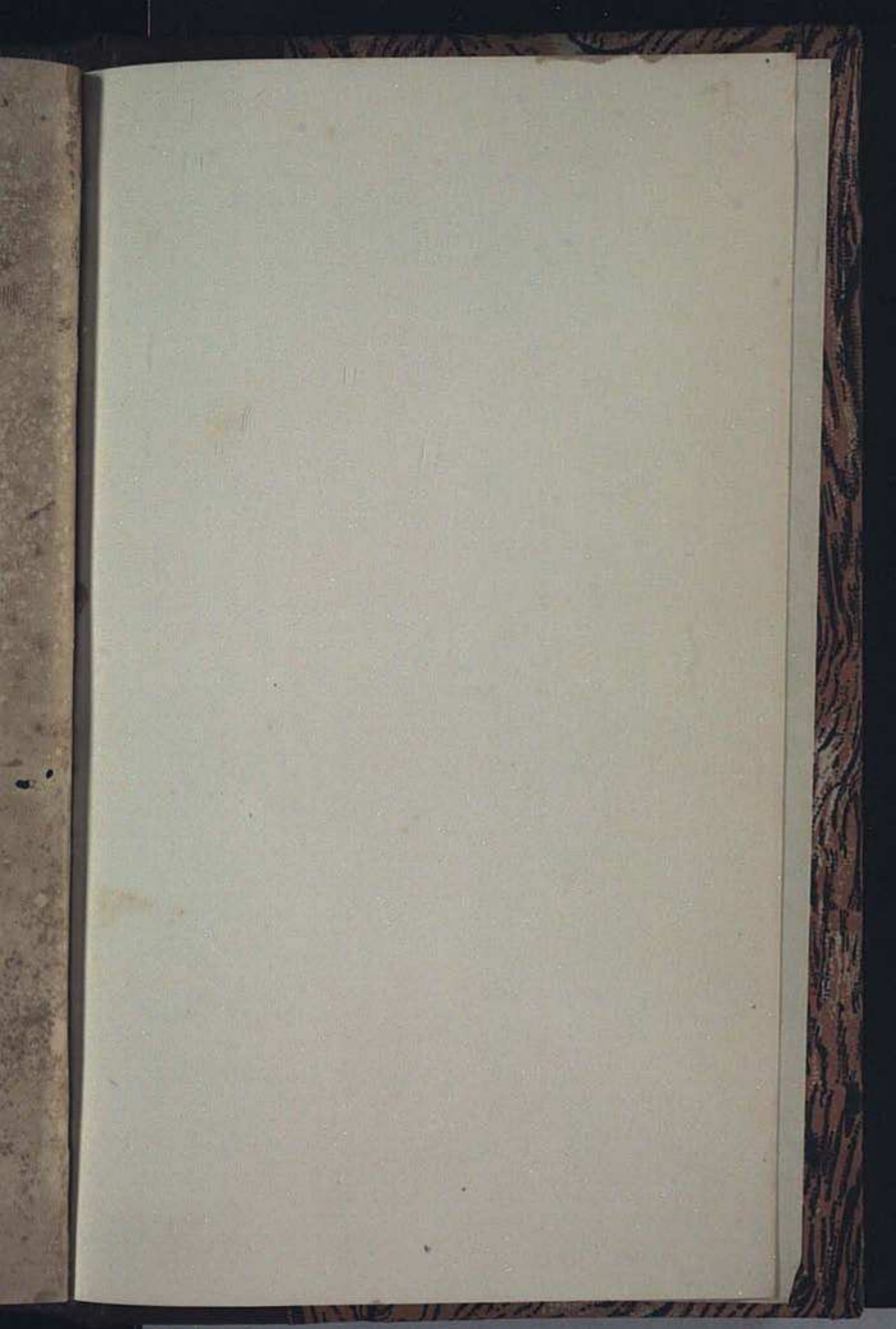
O paradoxo .. .. .	81
O homem e o mar.. .. .	85
Vertigem da arte .. .. .	87
Faust.. .. .	89
A convenção.. .. .	93
A andorinha.. .. .	97
Turbilhões.. .. .	101
O ultimo dia.. .. .	105
De tarde .. .. .	107
Culto ideal.. .. .	109
A nuvem .. .. .	111
Peregrina .. .. .	113
Dormindo.. .. .	117
Noivado celeste .. .. .	119
Sonambula .. .. .	121
Fascinação .. .. .	123
Vuvez.. .. .	125
A morte de Sapho.. .. .	127
A herança de Prometheu.. .. .	131
O bonzo do occidente .. .. .	135
Visita a uma mineração.. .. .	139
Synthese .. .. .	143
Serenatas.. .. .	145
Angelica .. .. .	149
Nos campos.. .. .	152
Bucolica .. .. .	153
Confidencia.. .. .	157
Vida! .. .. .	159
Palimpsestos .. .. .	161
Felicidade .. .. .	165
O espantalho .. .. .	167
O pobre sonhador .. .. .	169
A Raynundo Corrêa.. .. .	171

## ERRATA

---

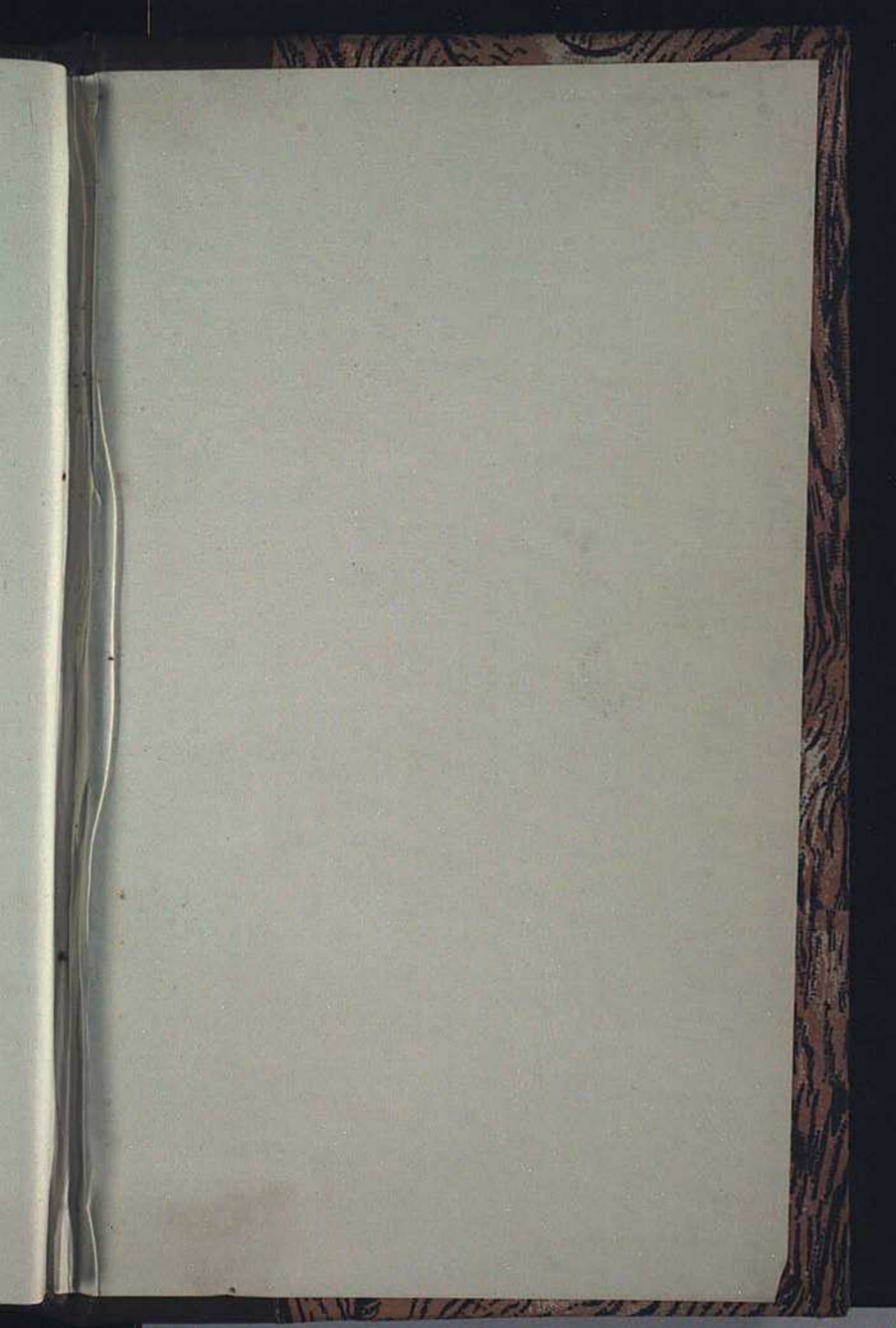
- Pag. 46, linha 16 — lirio — em vez de lyrio  
» 117, » 2 — lirios » lyrios  
» 136, » 1 — recondita a » reconditaa

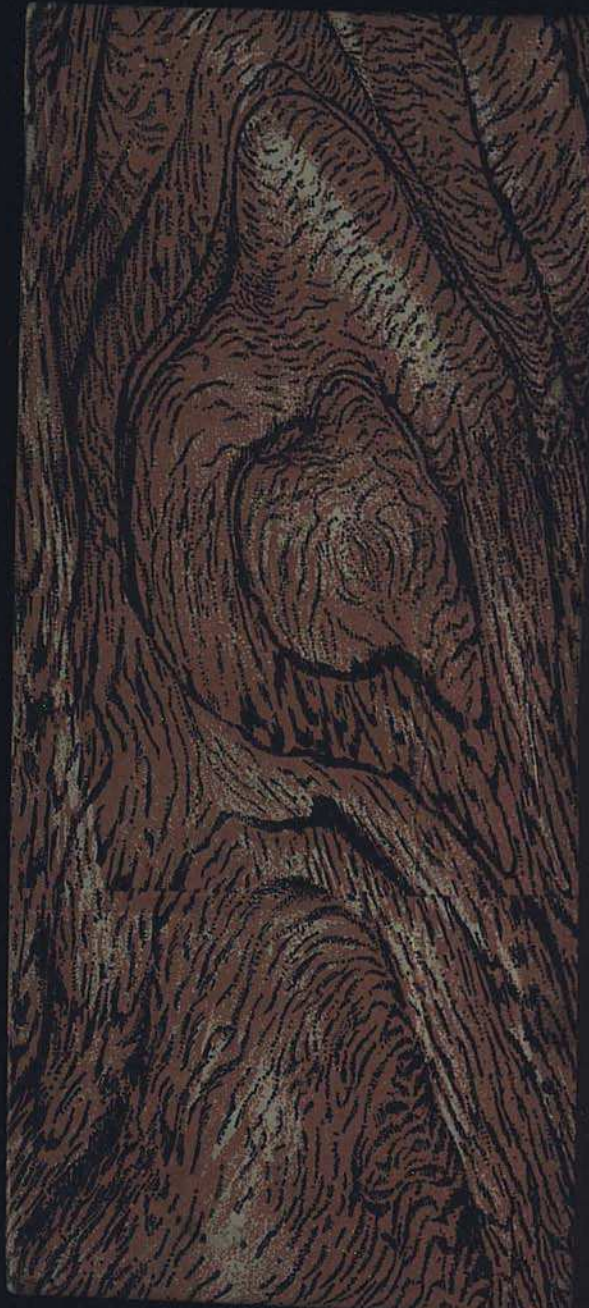




8000







1. 2. 3. 4. 5. 6. 7. 8. 9. 10. 11. 12. 13. 14. 15. 16. 17. 18. 19. 20. 21. 22. 23. 24. 25. 26. 27. 28. 29. 30. 31. 32. 33. 34. 35. 36. 37. 38. 39. 40. 41. 42. 43. 44. 45. 46. 47. 48. 49. 50. 51. 52. 53. 54. 55. 56. 57. 58. 59. 60. 61. 62. 63. 64. 65. 66. 67. 68. 69. 70. 71. 72. 73. 74. 75. 76. 77. 78. 79. 80. 81. 82. 83. 84. 85. 86. 87. 88. 89. 90. 91. 92. 93. 94. 95. 96. 97. 98. 99. 100.